

05/04/2001 para
já tem na base nº 51.0246765
nº adm. 246873

IVANILDA FERNANDES COSTA ROLIM
Prof. Assistente
do
Departamento de Biblioteconomia
do
Centro de Artes e Comunicação da UFPE



A CRIAÇÃO INTELECTUAL E ARTÍSTICA NO BRASIL:
UMA ANÁLISE DA BIBLIOGRAFIA NACIONAL CORRENTE,
DURANTE O PERÍODO DE 1951/1962

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Biblioteconomia e Documentação, apresentada ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientador: Professor Edson Nery da Fonseca, da Universidade de Brasília.

Rio de Janeiro
1976



A Rolim

A Cordelia

RESUMO

Levantamento realizado no Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional e Anuário Estatístico do Brasil, no período de 1951/1962, em filosofia, religião, belas artes e literatura para verificação da produção editorial brasileira. Comparação desta produção nas quatro classes objeto deste estudo com a produção editorial das demais classes. Tentativa de aplicação das Leis de Zipf sobre ocorrências de cabeçalhos de assuntos levantados no Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional, no mesmo período.

SUMÁRIO

Pág.

1	- LISTA DE TABELAS.....	8-9
2	- AGRADECIMENTOS.....	10-11
3	- INTRODUÇÃO.....	11-13
4	- HIPÓTESES.....	13
5	- CULTURA BRASILEIRA, 1951/1962.....	13-14
5.1	- <u>FILOSOFIA</u>	14
5.1.1	- <u>Filosofia no Brasil</u>	14-20
5.2	- <u>RELIGIÃO</u>	20-21
5.2.1	- <u>Catolicismo no Brasil</u>	21-29
5.3	- <u>AS ARTES PLÁSTICAS NO BRASIL</u>	29
5.3.1	- <u>Pintura e Escultura</u>	29-36
5.3.2	- <u>Arquitetura</u>	36-38
5.4	- <u>LITERATURA BRASILEIRA, 1951/1962</u>	38-39
5.4.1	- <u>Poesia Concreta</u>	39-41
5.4.2	- <u>Demais Tendências da Poesia nesse Período</u>	42
5.4.2.1	- <u>Poesia Participante</u>	42-43
5.4.2.2	- <u>Poesia Lírica e Intimista</u>	43
5.4.3	- <u>Prosa</u>	44-47
5.4.3.1	- <u>História Literária, Crítica e Ensaio</u>	47-48
5.4.4	- <u>Teatro</u>	48-51
6	- FONTES.....	52
6.1	- <u>BOLETIM BIBLIOGRÁFICO DA BIBLIOGRAFIA NACIONAL</u>	52-54

6.2	- <u>ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL</u>	55
7	- <u>MÉTODO</u>	56
7.1	- <u>CLASSES ESCOLHIDAS</u>	56
7.1.1	- <u>Inclusão e Exclusão de Assuntos</u>	56-62
7.2	- <u>INCLUSÃO E EXCLUSÃO DE AUTORES</u>	62-63
8.	- <u>PROCESSOS</u>	63
8.1	- <u>NORMALIZAÇÃO DE CABEÇALHOS DE ASSUNTOS</u> ..	63-64
8.2	- <u>LEVANTAMENTO NO BOLETIM BIBLIOGRÁFICO DAS CLASSES 100, 200, 700, 800</u>	64-65
8.3	- <u>LEVANTAMENTO DAS DEMAIS CLASSES DO SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO</u>	66-67
8.4	- <u>LEVANTAMENTO DO PRODUTO EDITORIAL NO BOLETIM BIBLIOGRÁFICO EM 1974</u>	68
8.5	- <u>APLICAÇÃO DA LEI DE ZIPF</u>	69-76
8.6	- <u>LEVANTAMENTO ESPECÍFICO NO ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL</u>	77
8.6.1	- <u>Propriedade Intelectual</u>	77
8.6.1.1	- Biblioteca Nacional.....	77-79
8.6.1.2	- Escola Nacional de Belas Artes.....	79-81
8.6.1.3	- Sociedade Brasileira de Autores Teatrais: Autores e Peças Registradas para Garantia de Direitos Autorais.....	82
8.6.1.4	- Propriedade Intelectual: Totais de Publicações Registradas nas Classes 100, 200 e 800.....	83
8.6.2	- <u>Difusão Bibliográfica: Livros e Folhetos Editados</u>	84-85

8.7	- <u>LEVANTAMENTO DE PERIÓDICOS</u>	85-86
9	- <u>RESULTADOS</u>	86
9.1	- <u>ANÁLISE DAS TABELAS</u>	86-90
9.2	- <u>ANÁLISES DOS GRÁFICOS EM COLUNAS</u>	91-92
9.3	- <u>ANÁLISE DOS GRÁFICOS EM CURVA</u>	92-94
10	- <u>CONCLUSÕES</u>	94-95
11	- <u>ANEXOS</u>	96
11.1	- <u>RELAÇÕES</u>	96
11.1.1	- <u>Símbolos de Classificação em Filosofia, Religião, Belas Artes e Literatura</u>	96-99
11.1.2	- <u>Cabeçalhos de Assuntos em Filosofia, Religião, Belas Artes e Literatura</u>	99-108
11.1.3	- <u>Títulos dos Assuntos na Ordem Decrescente do Registro Anual</u>	109-111
11.2	- <u>GRÁFICOS EM COLUNAS</u>	112
11.2.1	- <u>Ocorrência do Depósito Legal em Filosofia, 1951/1962</u>	112
11.2.2	- <u>Ocorrência do Depósito Legal em Religião, 1951/1962</u>	113
11.2.3	- <u>Ocorrência do Depósito Legal em Belas Artes, 1951/1962</u>	114
11.2.4	- <u>Ocorrência do Depósito Legal em Literatura, 1951/1962</u>	115
11.3	- <u>GRÁFICOS DE CURVA</u>	116
11.3.1	- <u>Ocorrência do Depósito Legal em Filosofia, Religião, Belas Artes, Literatura e suas Subdivisões, 1951/1962</u>	116

11.3.2	- <u>Curva de Zipf</u>	117
11.3.3	- <u>Estudo Comparativo entre a Propriedade Intelectual e o Depósito Legal, 1951/1962..</u>	118
11.3.4	- <u>Estudo Comparativo da Difusão Bibliográfica: Livros e Folhetos Editados e Publicações Registradas no Depósito Legal, 1951/1962</u>	119
12	- <u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	120-126

1 - LISTA DE TABELAS

Pág.

2.1	<u>FICHA KARDEX DO BOLETIM BIBLIOGRÁFICO, 1951/1962.....</u>	53
2.2	<u>PUBLICAÇÕES REGISTRADAS NO DEPÓSITO LEGAL - 1951/1962.....</u>	64
2.3	<u>OCORRÊNCIA DO DEPÓSITO LEGAL EM FILOSOFIA, RELIGIÃO, BELAS ARTES, LITERATURA E SUAS SUBDIVISÕES, 1951/1962.....</u>	65
2.4	<u>LEVANTAMENTOS DOS TOTAIS ANUAIS DAS CLASSES 000/900, DE 1951/1962.....</u>	66
2.5	<u>LEVANTAMENTO DOS TOTAIS ANUAIS DAS CLASSES 100, 200, 700, 800 E DEMAIS CLASSES QUE COMPOEM O SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO.....</u>	67
2.6	<u>PRODUÇÃO EDITORIAL- COMPARAÇÃO ENTRE O PERÍODO DE 1951/1962 E O ANO DE 1974.....</u>	68
2.7	<u>ORDEM DE SÉRIE VERSUS FREQUÊNCIA DE CABEÇA - LHOS.....</u>	72
2.8	<u>DADOS PARA APLICAÇÃO DA VARIANTE DE BOOTH À LEI DO MENOR ESFORÇO DE ZIPF.....</u>	73
2.9	<u>PERCENTUAIS DE OCORRÊNCIA ÚNICA NAS 4 CLASSES</u>	74
2.10	<u>PERCENTUAIS DE CABEÇALHOS COM 2 OCORRÊNCIAS NAS 4 CLASSES.....</u>	75
2.11	<u>PERCENTUAIS DE CABEÇALHOS COM 3 OCORRÊNCIAS - NAS 4 CLASSES.....</u>	75
2.12	<u>PERCENTUAIS DE CABEÇALHOS COM 4 OCORRÊNCIAS NAS 4 CLASSES.....</u>	76
2.13	<u>PERCENTUAIS DE CABEÇALHOS COM 5 OCORRÊNCIAS NAS 5 CLASSES.....</u>	76

Pág.

2.14	<u>PROPRIEDADE INTELECTUAL - REGISTRO DE OBRAS NA BIBLIOTECA NACIONAL, 1951/1962.....</u>	79
2.15	<u>PROPRIEDADE INTELECTUAL - REGISTRO DE OBRAS NA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES, 1951/1962.....</u>	81
2.16	<u>PROPRIEDADE INTELECTUAL - REGISTRO DE OBRAS NA SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS - 1951/1962.....</u>	82
2.17	<u>PROPRIEDADE INTELECTUAL - TOTAL DE PUBLICAÇÕES REGISTRADAS NAS CLASSES, 100, 200, 700 E 800..</u>	83
2.18	<u>DIFUSÃO BIBLIOGRÁFICA: LIVROS E FOLHETOS PUBLICADOS, 1951/1962.....</u>	85

2 - AGRADECIMENTOS

Ao Professor Edson Nery da Fonseca, nosso orientador, pelo constante incentivo, bem como pelos dados informativos que muito contribuíram para o êxito deste trabalho;

A Universidade Federal de Pernambuco, por nos ter dado condições para a realização desta Dissertação;

Ao Professor Zildo Sena Caldas, diretor do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, pelo apoio seguro e certo;

A Hagar Espanha Gomes, Presidente do então Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, pela compreensão nos momentos difíceis para nós, durante o Curso de Mestrado e, posteriormente, na elaboração desta Dissertação;

A Janice Monte-Môr, Diretora da Biblioteca Nacional, pelo fornecimento de cópias xerox de material importante para execução deste trabalho;

Ao Professor Darci Dusilek, nosso amigo e colega, agradecimentos especiais pelas sugestões recebidas;

A Maria Clara Cavalcanti dos Santos, diretora da Biblioteca Central da Universidade Federal de Pernambuco, por ter posto a nossa disposição a coleção do Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional, durante o período de levantamento do material que seria objeto desta análise;

A todos aqueles que direta ou indiretamente colaboraram para a realização deste trabalho, os nossos sinceros agradecimentos.

3 - INTRODUÇÃO

Na Dissertação proposta tomou-se para efeito de amostragem, um período durante o qual o registro da bibliografia nacional corrente foi divulgado sem interrupções no Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional, depositária da produção editotial brasileira.

Examinando a história do Boletim Bibliográfico, verificou-se que o período ideal seria o de 1951/1962, durante o qual foram publicados vinte e quatro (24) números e, também, por ser um período muito importante para o país, política e historicamente, com a implantação de Brasília e economicamente, com o aumento da chamada "espiral inflacionária".

Sabe-se que a criação intelectual e artística de uma nação só pode ser medida cientificamente através de uma análise estatística da produção bibliográfica. O que ficou registrado graficamente é, portanto, o único meio de que se dispõe para uma avaliação tanto quanto possível exata, dos ciclos da produção intelectual e artística.

As bibliografias correntes, englobando toda a produção nacional, necessitam não somente de uma equipe de bibliógrafos mas, também, de todo um suporte administrativo

e instituições apropriadas, bibliotecas nacionais, Depósito Legal, disposições jurídicas e órgãos de execução.

Pretende-se seguir o modelo de trabalho análogo ao de Victor Zoltovski, que analisou a Bibliographie de la France de 1812/1900: "Les cycles de la création intellectuelle et artistique". (49)

A transição entre o início e o término da pesquisa foi efetuada com a ajuda de um índice estatístico de unidades documentárias, representadas por publicações em filosofia, religião, belas-artes e literatura, baseada na bibliografia consultada, sem considerar seu valor intrínseco.

Os dados aparecem em suas quantidades crescentes e decrescentes relacionando-se aos diferentes ramos da atividade criadora.

Partindo-se de noções concretas, tentou-se atingir a realidade abstrata sob um aspecto quantitativo, servindo de contribuição a uma teoria da atividade criadora.

O resultado que se pretende é o oferecimento, ao leitor especializado, de um instrumento de trabalho que o oriente para estudo de maior envergadura.

Em face dos dados obtidos, no levantamento inicial, para efeito comparativo, fez-se outro levantamento das demais classes que compõem o esquema de classificação e um outro, no Anuário Estatístico do Brasil, a fim de cotejar e verificar a eficácia da Legislação sobre o Depósito Legal.

Como se diz acima, trata-se de uma análise estatística da produção bibliográfica, partindo-se de fontes reconhecidas e sobre um período determinado, sem pretensões a se apresentar como trabalho intelectual e artístico. As observações sobre os assuntos selecionados para o levantamento estatístico, baseiam-se, exclusivamente, na bibliografia consultada.

4 - HIPÓTESES

4.1 - Validade da análise estatística da bibliografia corrente na identificação da produção intelectual e artística nacional.

4.2 - Na produção intelectual e artística do Brasil, existe um predomínio das letras sobre Filosofia e da poesia sobre os demais gêneros literários.

5 - CULTURA BRASILEIRA. 1951/1962

Esta seção constitui uma tentativa de situar na época, os assuntos que foram objeto deste estudo, com suas principais características, vultos que mais se destacaram e suas mais diversas formas de expressão.

A cultura brasileira resultante do meio so-

cial, em parte através da educação, em parte através da impregnação e esta última por intermédio dos meios de comunicação, realizam a ligação essencial entre o indivíduo e o meio humano por meio de mensagens filosóficas, religiosas, artísticas, literárias, etc.

5.1 - FILOSOFIA

Observa-se na história das grandes sínteses filosóficas que os mais ilustres filósofos tomaram como ponto de partida para as suas reflexões um conhecimento aprofundado dos problemas de sua época. Os maiores dentre eles possuíam uma consciência exata das necessidades de seu tempo. É daí que parte o pensamento mais original e mais pessoal em suas idéias e teorias.

Alguém já disse que o filósofo depende largamente das idéias do seu tempo para elaborar suas teorias.

Uma sociologia da filosofia precisaria ir mais longe, para alcançar não apenas o estudo da filosofia em certa época ou em determinado lugar, mas também uma análise dos problemas que influenciaram a obra de cada filósofo.

5.1.1 - A Filosofia no Brasil

Após a primeira Guerra Mundial, o nosso país

ingressa numa fase de grande progresso econômico e técnico, um "progresso de consciência", como afirmou Tristão de Atayde, nos libertou de muitos preconceitos.

Mário de Andrade, em 1942, escrevia: "A transformação do mundo com o enfraquecimento gradativo dos grandes impérios, com a prática européia de novos ideais políticos, rapidez dos transportes, e mil e uma outras coisas internacionais, bem como o desenvolvimento da consciência brasileira, o progresso da técnica e da educação, impunham a criação e mesmo a remodelação da inteligência nacional".⁽²⁾

Assim é que o chamado movimento modernista de 1922, que não teve talvez outras intenções senão as de caráter puramente artístico e literário, assinalou um momento na história das idéias no Brasil, imprimindo-lhe novo sentido. A guerra e seus efeitos fizeram com que nos aproximássemos mais dos problemas ligados ao nosso país. Uma perspectiva mais ampla do destino nacional começou a surgir em função mesmo da cultura européia.

A partir de então um traço nacionalista marcará todas as tendências modernas do pensamento brasileiro.

Uma figura do intelectual da melhor categoria aparece para liderar o pensamento católico. Referimo-nos a Jackson de Figueiredo, para quem a "tradição brasileira se evidencia já na vida colonial mesmo, se bem que reprimida pela metrópole, como católica e anti-lusitana, quer dizer, tendo em si o elemento da fé que fazia a unidade formal do nosso caráter e um móvel político determinante de sua constante inspiração de autonomia".⁽³⁸⁾ Também dessa época são os estu

dos sociológicos que mais se destacam pela influência recebida da filosofia positivista. O Positivismo conduziu a inteligência brasileira para preocupações mais condizentes com a índole nacional, pela importância atribuída aos problemas concretos da realidade.

Jackson de Figueiredo, convertendo-se ao catolicismo, passa a representar a mais alta expressão da reação católica brasileira contra as idéias socialistas que se desenvolviam em maior escala depois da primeira Guerra Mundial.

Seguindo de perto o pensamento católico ocidental, sobretudo as novas idéias de Maritain, marcado, quase sempre, pelo cunho nacionalista, Jackson de Figueiredo foi na opinião de Tristão de Atayde "o condensador de três tendências que se vinham desenvolvendo do século XIX ao século XX no Brasil: o materialismo, o espiritualismo e o cepticismo. De cada um viria qualquer coisa ao seu pensamento. Mas repudiou todas três ultrapassando-as todas por meio da Síntese Católica".⁽¹⁾

Hoje há sem dúvida uma consciência mais nítida sobre o que somos em face de outros povos e de nós mesmos. Estamos em via de superar o velho complexo colonial.

O filósofo brasileiro não pode deixar de assumir as responsabilidades do momento, tendo de acompanhar e até mesmo de se antecipar à sua época.

Até agora têm sido poucas as pesquisas de maior profundidade não apenas sobre a história da filosofia em geral, mas também sobre a história da filosofia no Brasil. Es

ses estudos são essenciais para que tenhamos uma melhor visão no tocante aos problemas do nosso tempo. O filósofo brasileiro deve tomar conhecimento dos problemas nacionais, como objeto de suas meditações.

O primeiro ponto a estudar é o da filosofia política, abrangendo, sob esse aspecto, a evolução política do país, herdeiros que somos de um passado colonial cujas estruturas foram substituídas por instituições adaptadas às necessidades de um Estado independente e democrático, mas não alcançaram totalmente todos os benefícios que poderiam ser almejados com a implantação do novo regime político, passada a fase da colônia. Nosso país tem todos os trunfos para desempenhar um papel de primeira ordem no desenvolvimento da América Latina, favorecido como é não somente por excepcionais recursos naturais, mas também por excelentes reservas de inteligência.

Toda gente sabe que não há país que seja grande em termos de nacionalidade sem ter forjado uma ideologia própria. Aos filósofos compete o estudo dos problemas nacionais, indicando os caminhos do desenvolvimento. O Brasil atravessa uma fase já muitas vezes analisada por diversos pensadores. É um país que caminha de uma independência grande parte técnica para uma autonomia que se pretende seja efetiva e total. Esse esforço não deve se restringir aos domínios da técnica e da economia, mas para ser coroado do êxito precisa passar ao plano das idéias. O Brasil poderá exportar os produtos de sua ciência e de sua técnica, mas continuará tributário da contribuição estrangeira quanto aos domínios do pensamento filosófico, se a investigação não se estender sobre a política, instituições, desenvolvimento econômico, de modo a exercer influência sobre seu tempo.

Hã, ainda, a considerar um problema que não po de deixar de merecer a atenção do filósofo social. É que a ascensão demográfica vertiginosa não tem sido acompanhada de uma industrialização suficientemente rápida. A distribuição dos centros industriais é feita de tal maneira que certas regiões são mais favorecidas do que outras.

É pois à luz da história que se deve encarar a evolução das idéias. O sentido do nosso pensamento filosófico deve ser orientado para o estudo das origens brasileiras e de sua interrelação com a nossa realidade.

Cabe às novas gerações, de posse de melhores técnicas de análise histórica, a solução desse problema. Não é fácil, porém, caracterizar o momento que estamos viven-do. ⁽⁴¹⁾

A ciência filosófica exige um estudo metódico e ordenado, pois, no dizer de Arthur Versiani Velloso, "a filosofia é, antes de tudo, regra e método, irrepreensível sistemática e ferrenha ordenação". ⁽⁴⁷⁾

No Brasil, o Tomismo entendeu que urgia inte-
grar-se na estrutura universitária, a fim de que, em sinto-
nia com a cultura nacional, pudesse através de uma tomada
de consciência dessa mesma cultura, representar um valor atu
ante sobre ela, fato que significou um passo avançado em sua
evolução, pois transferia para um passado histórico o auto-
didatismo e a erudição livresca.

Começa a adquirir, então, o pensamento tomista
para nosso país uma consciência plena de si mesmo, num esfor
ço para situar-se em face de outras correntes de idéias e co

locar-se em diálogo franco com os seus defensores. É neste sentido que nos parece que a obra do Padre Leonel Franca representa um momento decisivo na história do Tomismo no Brasil. Essa obra, aprofundada na de Lima Vaz, permite definir sua situação perante a filosofia atual, além de um conhecimento amplo de sua natureza, de seu objeto e de sua finalidade, numa palavra, do que há de essencial e válido nas teses do Doutor Angélico e do que nele é acidental e transitório.

O pensamento tomista brasileiro orienta-se, a partir de então, para o conhecimento de nossa cultura e realidade histórica.

Outro nome de destaque é neste particular, o de Alceu Amoroso Lima, que foi no período abrangido por este estudo, o mais poderoso veículo de divulgação das idéias de Jacques Maritain.

Aí está, de modo sucinto, o panorama da história da filosofia no Brasil. Filosofia que tem sido um instrumento de ação, embora às vezes, é certo, frívolo e até irrisório, em virtude, precisamente, de nos faltar o sentido mais exato e adequado da própria ação.

Existe uma filosofia nacional? Algo existe de peculiar na própria experiência de uma coletividade humana. "Filosofia como qualquer outro ramo de investigação - escrevia Ralph Barton Perry - aspira a ser verdadeira e, em consequência, universalmente válida. Não pode pois apresentar-se como nacional. Por outro lado é impossível escapar à influência do nacional". (33)

O tempo e o meio - a história - criam condi-

ções e conceitos diversos. Nacional é aí um elemento que estaria na base da interpretação que fazemos dos moldes europeus e o que impediria uma total identificação com o sentido da problemática das idéias estrangeiras que foram e são ainda transmitidas à nossa gente.

5.2 - RELIGIÃO

Embora tenhamos iniciado a Seção 5 - Cultura Brasileira, 1951/1962, com uma exposição sobre Filosofia no período mencionado, em observância ao Esquema de Classificação adotado pelo Boletim Bibliográfico, historicamente, a Religião, é que deu origem ao desenvolvimento de outras disciplinas.

Em qualquer civilização, as literaturas mais antigas acham-se ligadas à fé religiosa. A música e a dança, foram ambas originadas de rituais religiosos antigos e as obras de arte antigas retratam cerimônias religiosas.

O homem atual, em qualquer campo do conhecimento, vê-se obrigado a conhecer o que é religião e a compreender a história e do desenvolvimento de sua especialidade é enriquecida pelos estudos que possa fazer a tal respeito. Daí a necessidade em não se isolar a literatura religiosa, dos outros ramos do conhecimento, uma vez que os conhecimentos se interrelacionam. Os livros sagrados, defesas e ataques aos mesmos, decretos, exortações, etc. são documentos que interessam não só aos especialistas em assuntos religiosos, mas a todos aqueles que buscam a cultura, "uma vez que esta é a

soma de todos os progressos do homem e da humanidade em todos os domínios e sob todos os pontos de vista, na medida em que estes contribuem para a realização espiritual do indivíduo e para o próprio progresso do progresso".⁽⁴²⁾

As descobertas antropológicas, históricas e arqueológicas contribuem enormemente para o estudo da religião. A lingüística comparada cooperou também para a compreensão dos textos bíblicos no contexto histórico e no traçado da interdependência das religiões primitivas e a unidade temática das lendas e crenças largamente espalhadas.

No século 19, os livros de maior interesse popular eram os que tratavam da fé e doutrinas religiosas. Atualmente, esta abordagem teológica não desperta tanto interesse; a ênfase é dada aos livros que tratam dos problemas da vida e atuam como guias inspiracionais em relação ao próprio desenvolvimento social, ético ou científico.

Hoje em dia, os teólogos procuram focalizar as questões sociológicas, psicológicas e o campo das relações humanas, em face do crescimento da socialização e secularização das atividades religiosas e também da ênfase dada às publicações que tratam desses problemas.⁽⁴⁶⁾

5.2.1 - Catolicismo no Brasil

Os sociólogos e historiadores adotam geralmente uma classificação que estabelece quatro períodos na evolução religiosa do Brasil. Correspondem esses períodos às épo-

cas abrangidas pela colônia, império e república, subdividindo-se esta, em uma fase mais recente em que se verificaram movimentos de renovação e expansão de algumas religiões universais, ao lado de experiências no âmbito cristão.

O catolicismo brasileiro, impondo-se pelo número, encontra sérios problemas, no baixo nível cultural da população fortemente impregnada de práticas fetichistas e, até bem pouco tempo, na atitude das classes cultas, influenciadas pelo positivismo e pelo laicismo.

Em termos de tamanho, a Igreja Católica no Brasil é a maior do mundo: a ela pertencem formalmente, 94% da população. O Brasil é o centro mundial do Espiritismo, o que é uma ironia para o maior país católico do mundo; e é também campo fértil para a conversão protestante. Os dados do espiritismo são mais expressivos do que os dos pentecostais. Os da cidade de Salvador são significativos, mas os do Recife, talvez os suplantem. (29)

Por muito tempo, as Igrejas católicas na América Latina, como no mundo inteiro, não passaram por transformações consideráveis, a ponto de apresentarem maior interesse para estudo mais profundo de sua atuação. Os estudos históricos e sociológicos a respeito se caracterizam pela escassez, não havendo material comparativo de maior importância.

As inovações ocorridas na década de 50 motivaram alterações importantes em vários níveis, no Brasil e no Chile, destacando-se a instituição brasileira por sua participação, a partir de então, nos programas político-sociais - por quase duas décadas. Essas modificações tinham por objetivo influenciar não apenas os indivíduos isoladamente, mas tam

bém a própria sociedade, de modo a conduzi-los à salvação. A finalidade da Igreja é a salvação final. Daí sua maior preocupação com as situações concretas e os instrumentos de ação que permitiam alcançar esse ideal.

Até o início do século, as Igrejas latino-americanas mantêm estreitas relações com os Estados ibéricos, situação que as coloca em posição de dependência dos governos em muitas questões importantes sob o ponto de vista político social.

No período abrangido por este estudo (1951/... 1962), a mobilização social prenuncia uma mudança nas estruturas sociais, o mesmo ocorrendo em relação às instituições e práticas religiosas.

Num plano mais amplo, a base da religião em nosso país é a própria cultura, como se pode observar através de opiniões e comentários dos antropólogos que estudam a natureza essencialmente social das manifestações culturais. A natureza sacral da cultura ainda é muito forte nas áreas rurais, tendo diminuído um pouco nas comunidades urbanas. Todavia, se examinarmos a cultura católica, veremos que o seu conteúdo é extremamente heterogêneo. Essa heterogeneidade é considerada pelos sociólogos da religião de hoje que trabalham no Brasil, como um ponto de partida para o desenvolvimento das tipologias e índices do catolicismo.

Na V Semana Teológica realizada em Petrópolis nos dias 17-20 de fevereiro último, várias tipologias foram apresentadas, para o catolicismo brasileiro. Entre elas, salientam-se as de Thales de Azevedo, Procópio Ferreira de Camargo, Francisco Cartaxo Rolim, Joseph Comblin e Eduardo

Hornaert.

Thales de Azevedo classifica os católicos em formais (praticantes), tradicionais (aqueles que praticam e que desconhecem o indispensável do catolicismo oficial), culturais (católicos que aceitam os elementos do catolicismo não pelo seu valor religioso, mas como parte da cultura em vigor) e os populares (aqueles que praticam um catolicismo formal empobrecido, sem dogma e sem moral). Esta última classificação é constituída pelas comunidades rurais, especialmente, e pelas classes urbanas inferiores, não influenciadas por outras crenças.

Procópio Ferreira de Camargo, por sua vez, diz que os critérios que constituem a tipologia no Brasil, são dois: 1 - a relação com o social, distinguindo-se neste caso, o meio rural (com tendências estáveis ou estáticas) e o meio urbano (em fase de mudança acelerada); 2 - a significação da religião para o indivíduo, estabelecendo a distinção entre a religião tradicional (como sendo aquela aceita por conformismo, quase inconscientemente, sem explicitação dos motivos de adesão), e a religião internalizada (cuja escolha é feita conscientemente, satisfazendo, portanto, a necessidade do indivíduo e aparecendo como verdadeira).

Resumindo, há quatro tipos básicos de catolicismo: 1 - tradicional/rural; 2 - tradicional/urbano; 3 - internalizado/rural; 4 - internalizado/urbano.⁽³⁾

Francisco Rolim propõe uma tipologia baseada sobre critérios "internos" à própria religião", havendo para ele "três modos de ser católico: 1 - o da integração puramente ao nível dos valores e das normas; 2 - o da integração pu

ramente ao nível dos valores e do comportamento e o 3 - o da integração tríplice (valores, comportamento, "veículos")." Neste 3º tipo é que Rolim situa o catolicismo popular, sendo seus valores e suas crenças, os mesmos do catolicismo oficial. (40)

Comblin e Hoornaert não consideram o catolicismo popular como uma forma empobrecida, decadente ou desviada do catolicismo oficial. O 1º considera "os vários catolicismos como "culturas" autônomas, cada uma com sua significação própria, com sua coerência interna, com sua dignidade e - por assim dizer - sem direito a manifestar ou encarar os valores transcendentais do cristianismo numa determinada época e num determinado meio". (22)

Já Hoornaert toma o catolicismo popular como "uma reconstrução mais próxima da realidade histórica dos tipos ou estruturas do catolicismo brasileiro até o início do século XIX". (28)

A Igreja como instituição - com os sacramentos, o culto, a teologia - e a Igreja como intermediária entre Deus e o homem é extremamente fraca e limitada. A religião católica dá mais ênfase à estrutura social do que ao indivíduo. É essa estrutura que liga o homem a Deus. Contudo, as mais recentes pesquisas mostram que somente uma minoria insignificante está ligada a Deus através da Igreja como estrutura intermediária. A instituição tem muito pouca influência sobre o comportamento religioso dos indivíduos, tanto que a religião católica é uma mistura heterogênea de crenças e elementos sincréticos.

No plano mais geral, a cultura social do Bra-

sil tem se destacado por seu caráter secular. Com o desenvolvimento da educação, dos meios de transporte, das comunicações de massa e da comunicação mais ampla com o exterior, a secularização no Brasil tem aumentado consideravelmente. Acreditar nisso tornou-se quase impossível nos anos de fins de 50 e começo de 60, em face do intenso debate ideológico em torno do nacionalismo e de outras crenças seculares.

Após a segunda guerra mundial, a industrialização, a centralização política, as secas do Nordeste e a inflação, dentre outros fatores, causam uma migração geral para as áreas urbanas. Como a Igreja sempre se manteve ligada aos grupos locais, evidente que a prática religiosa deixa de ser uma preocupação maior para esses grupos, quando emigram, pelo menos se tomarmos como exemplo o índice de assistência à missa.

Como observamos anteriormente, 94% de todos os brasileiros se declaram católicos. Entretanto, o número de protestantes aumenta rapidamente nos anos de 1950, particularmente o de pentecostais, fato causado pela necessidade de maior aproximação dos grupos primários nas cidades, depois que abandonam as zonas rurais, deixando de lado as práticas simbólicas da Igreja Católica. Isto se explica facilmente: com o predomínio da industrialização e a formação de novos hábitos criados em decorrência desse fato, sofre redução o índice de frequência à missa e aumenta conseqüentemente o número de adeptos da religião pentecostal.

Por volta de 1960 era difícil dizer se a Igreja católica mantinha a liderança dos engajamentos religiosos. Mesmo assim, os protestantes e espíritas se mostravam mais atuantes, e já se podia prever que o número de adeptos des -

sas religiões continuaria a crescer com as mudanças sociais.

A Igreja sempre adotou um modelo de influência arcaica e de bases muito fracas para enfrentar as tremendas mudanças sociais que começaram a ocorrer a partir de então. Sua influência diminuiu gradativamente com a instabilidade política que passou a predominar em diversas áreas de sua atuação.

Não há estudo de maior relevância sobre o papel da Igreja na sociedade brasileira antes de 1950. Sabe-se tão somente que a função da Igreja e da religião em geral concorreu para a estabilidade política e social de então.

Convém lembrar que muitas das crenças e práticas religiosas fogem ao controle da instituição. As mais comuns são chamadas de catolicismo cultural, catolicismo primitivo, catolicismo sincrético, etc. Os observadores das formas de religião notam características narcóticas ou apassivadoras em todas elas.

Antigamente, a Igreja recebia recursos do Estado para prestar assistência às populações e uma parte importante de suas atividades incluía as obras de caridade, para as quais canalizava até mesmo a ajuda internacional. A Igreja e as chamadas Santas Casas de Misericórdia dirigiam a maioria das escolas de serviço social, principalmente destinadas aos pobres. Inúmeras congregações religiosas passaram a existir no Brasil, sem outra finalidade senão a de confortar os mais desprotegidos da sorte.

Alguns setores da Igreja tomaram consciência da necessidade de reformas básicas, pois um país subdesenvolvi-

do, por definição, não pode deixar de oferecer condições para que o homem seja plenamente beneficiado pelo progresso social. Com a ajuda da Igreja a sociedade haveria de mudar. A necessidade de atuar no campo social leva a Igreja a compreender que o laixato precisa de ser mobilizado para esse tipo de ajuda, concentrada particularmente na zona rural.

Em torno dos anos de 1950, a Igreja reorganiza o movimento da Ação Católica em bases diferentes das adotadas no tempo do Cardeal Leme. A nova orientação tirada do modelo francês ou do belga, divide esse organismo em setores para sua penetração em movimentos sociais.

Em 1952, o episcopado brasileiro institui, em caráter permanente e como expressão do pensamento da Igreja, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), reconhecida pela Santa Sé com a finalidade de estudar problemas de interesse da Igreja, particularmente no Brasil e apresentar normas, aprovar e coordenar medidas, que facilitem e promovam a unidade de orientação e a conveniente atualização pastoral.

No ano de 1954, é instituída a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), como união permanente dos institutos religiosos do país.

O Movimento de Educação de Base (MEB), criado em 1961 pela CNBB, resulta de experiências feitas em Natal, e logo após, em Aracaju. O plano do MEB não é simplesmente alfabetizar mas, procurar desenvolver o interesse do país, para as regiões mais carentes, dando ao homem aquilo que, na educação é a base.

Paralelo ao MEB, o programa iniciado pela Igre

ja é o sindicalismo rural tendo por meta a organização dos trabalhadores do campo para reivindicarem melhores condições de trabalho e de vida. A Igreja anima essas organizações trabalhistas e é mais aceite entre os seus filiados do que os próprios elementos das ligas camponesas. Posteriormente, a orientação inicial desses sindicatos foi modificada e a Igreja acaba perdendo o controle sobre eles.

Na Assembléia Geral do CNBB, em abril de 1962, atendendo apelo do Papa João XXIII no início de seu Pontificado, é traçado o Plano de Emergência, envolvendo todas as forças vivas no Brasil. Este plano dá origem ao Plano Pastoral de Conjunto, lançado em janeiro de 1966 pela CNBB.

A Igreja do Brasil durante este período, enfatizando a Igreja do mundo, anima a participação do laicato e desperta para outros aspectos de renovação, apresentando forte semelhança com o modelo da Igreja que emerge do Concílio.

5.3 - AS ARTES PLÁSTICAS NO BRASIL

5.3.1 - Pintura e Escultura

O período estudado, no campo das artes plásticas, é bem demarcado. Inicia-se com a I Bienal de São Paulo, em 1951, que põe os artistas brasileiros em contacto com expressões estéticas, as mais diversas, vindas do exterior. E encerra-se com uma exposição, em 1961, em que o Neoconcretismo cessa suas atividades de grupo.

Do movimento de 22, de importância decisiva para as artes no Brasil, ligadas à pintura e à escultura, só realmente permaneceram os nomes de Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Segall, Brecheret e Di Cavalcanti. Não houve uma ruptura real com o passado como queriam os intelectuais da época. Os movimentos surgidos na Europa no início do Século (Cubismo, Expressionismo, Futurismo, Dadaísmo) não foram in totum compreendidos e assimilados pelos brasileiros. O nosso país ainda não apresentava um desenvolvimento sócio-cultural que possibilitasse a apreensão integral dos problemas decorrentes de uma sociedade em transformação, como a européia antes da guerra de 1914, e dos meios de expressão que empregaram os artistas para denunciá-los.

O caráter basicamente irracionalista dos movimentos citados levou os intelectuais brasileiros à busca de elementos mais nacionais, mais ligados à história do país. Dessa procura resultou a Antropofagia de Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral e o Verdeamarelismo de Cassiano Ricardo. Na prosa, aparece o romance nordestino, de caráter essencialmente social.

Como o Modernismo só havia sensibilizado uma elite, os salões oficiais de arte continuavam e as escolas de belas-artes permaneciam ensinando a pintura e a escultura acadêmicas.

A II Guerra Mundial propiciou uma mudança radical nas características da arte brasileira. O momento crítico por que passava internamente o Brasil e o conhecimento da realidade artística internacional levam os artistas a contestar os mestres vindos do Modernismo. E a geração que se segue rompe totalmente com os conceitos provindos do movimento

de 22 e adota a linguagem despojada e geométrica da arte concreta.

É essa arte, de formas puras e de novas pesquisas no campo da percepção visual, que vai dominar as manifestações estéticas nos anos 50.

A criação dos museus de Arte de São Paulo, de Arte Moderna de São Paulo e o do Rio de Janeiro nos anos de 1947, 1948 e 1949 e a I Bienal de São Paulo em 1951 iriam pôr em contacto os artistas brasileiros e as obras dos estrangeiros, estes numa linguagem abstracionista, usual nos grandes centros internacionais da arte.

Os brasileiros que na década de 1940 viveram em Paris, como o cearense Antônio Bandeira e o pernambucano Cicero Dias já haviam enveredado por esse caminho, Também de importância, e agora principalmente no campo do abstracionismo geométrico, que iria resultar no movimento concretista, é a fixação, em São Paulo, de Samson Flexor, pintor brasileiro de origem romena, vindo de Paris em 1940. Passaria a realizar experiências abstratas em 1948, sob o estímulo de León Degand, então Diretor do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

No entanto, é a I Bienal, em 1951, que irá dar força à nova tendência. O figurativismo ali aparece moribundo e a arte abstrata vigorosa. Especialmente as representações suíça e alemã, com os trabalhos de Max Bill e Sophia Tauber-Arps, influenciam uma arte impregnada de formas geométricas e matemáticas. E é nessa linha, de um abstracionismo rigoroso, racionalmente construído, que se irá delinear a pintura brasileira.

À Bienal, seguem-se as conferências de Tomás

Maldonado no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Esse artista foi um dos responsáveis pelo movimento de arte não figurativa na Argentina e depois professor da Escola Superior da Forma em Ulm, Alemanha. (Foi principalmente na Alemanha que a arte concreta teve suas raízes. França, Itália e Inglaterra praticamente a ignoravam).

Em 1952 Max Bill realiza uma exposição no Museu de Arte de São Paulo. Após esses dois acontecimentos de caráter internacional, Waldemar Cordeiro e Ivan Serpa, à frente dos grupos "Ruptura", em São Paulo, e "Frente", no Rio de Janeiro, respectivamente, iniciam suas pesquisas no campo da arte concreta. A esses dois, como figuras principais, se iriam juntar Almir Mavignier, Lígia Clark, Amílcar de Castro, Franz Weissmann, Willy Castro, Hélio Oiticica, Lígia Pape, Kásmer Fêjer, Hércules Barsotti, Aluísio Carvão e Maurício Nogueira, entre outros.

O Concretismo, será visto na parte referente à Literatura, não se limitou ao campo das artes plásticas. Seus estimuladores teóricos foram os poetas-irmãos Haroldo e Augusto de Campos, Décio Pignatari, Ferreira Gullar e o crítico Mário Pedrosa.

A arte concreta foi um rompimento não só com os conceitos originados no Modernismo, mas, no quadro da arte contemporânea, o último estágio de uma linguagem que caminhava para sua aplicação prática - a programação visual, o industrial design. Seu principal centro, como já foi referido, foi a Escola Superior de Forma em Ulm, depois da II Guerra Mundial. Essa escola formava designers para a indústria alemã, que ressurgia. Não era objetivo dos pintores e escultores brasileiros tornarem-se designers e muito menos o Bra-

sil oferecia condições para tal.

Daí o surgimento de uma reação ao racionalismo concretista - o Neoconcretismo - que procurou dar expressão subjetiva às formas geométricas e levar à criação plástica o que o cientificismo sufocara. Essa necessidade decorreu também de uma expressão individual - os artistas brasileiros de sejavam manifestar sua própria experiência, e a audácia e a inventividade de alguns romperam com os princípios do Concretismo europeu.

A cisão começa a surgir em 1957, por ocasião da I Exposição Nacional de Arte Concreta, no Rio de Janeiro. Observa-se então, claramente, uma distância entre concretistas cariocas e paulistas, diferença essa manifestada sobretudo em Lígia Clark e Hélio Oiticica. Os paulistas estavam integrados num conceito de pura visualidade da forma reduzida a fato físico, de caráter não alusivo. Os outros, principalmente Lígia Clark e Hélio Oiticica, demonstravam uma tendência a atenuar o caráter racionalista e a concepção da obra como "objeto" ou "máquina".

O Neoconcretismo resulta em princípio, das pesquisas de Lígia Clark procurando uma "noção orgânica no âmbito da arte não-figurativa geométrica. Rompe com a estrutura convencional do quadro, integra a moldura na manifestação estética e parte para uma forma que não é nem pintura nem escultura. Ela a chama de "bichos".⁽²⁷⁾

A ruptura fica evidenciada e o debate iniciado. A I Exposição Neoconcreta se realiza no Rio, em março de 1959, dela participando Ferreira Gullar (principal teórico do movimento), Reynaldo Jardim, Theon Spandis, Amílcar de Cas -

tro, Franz Weissmann, Lígia Clark e Lígia Pape. O catálogo da amostra contém manifesto dos artistas, também publicado no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil (o qual, na época, divulgava e era porta-voz das experiências vanguardistas das artes em geral, tanto no Brasil como no exterior).

Em seu manifesto, assim explicavam os neoconcretistas os seus objetivos: "O neoconcretismo nascido de uma necessidade de exprimir a complexa realidade do homem moderno dentro da linguagem estrutural da nova plástica, nega a validade das atitudes científicas e positivistas em arte e repõe o problema da expressão, incorporando as novas dimensões "verbais" criadas pela arte não-figurativa construtiva. E continuam: "Não concebemos a obra de arte como "máquina" nem como "objeto", mas como um quasi-corpus, isto é, um ser cuja realidade não se esgota nas relações exteriores de seus elementos". (27)

As figuras mais significativas realmente no campo da arte brasileira nesse período foram Lígia Clark e Hélio Oiticica. A primeira procura romper os limites da pintura tradicional não-figurativa, extrapolando para além do "espaço". São dessa época as superfícies moduladas e os contra-relevos. Nas experiências com chapas metálicas móveis, articuladas com dobradiças, cria os bichos, proposição em que supunha a contribuição direta do espectador na feitura, nunca terminada, da obra.

Hélio Oiticica, também procurando romper com o limite da superfície bidimensional do quadro e trabalhando com a redução da cor, termina por fixar-se no branco, variando apenas sua textura e intensidade. Seus relevos-espaciais, monocromias e núcleos são exemplo dessa rutura. Em 1961, já

integrado no Neoconcretismo, apresenta o Projeto Cães de Caça, do qual fazem parte os seus penetráveis e obras de outros artistas do grupo.

Em 1960 Ferreira Gullar publica a Teoria do não objeto e realiza-se uma nova mostra dos neoconcretistas, no Rio de Janeiro, agora com maior número de adêptos. Aos nomes já citados, acrescentam-se os de Oiticica, Aluísio Carvão, Osmar Dillon, Décio Vieira, Hércules Barsotti e Willys de Castro.

Com nova exposição em 1961, o Neoconcretismo encerra suas apresentações coletivas. O Concretismo, em virtude da situação social e política do país, também enfrenta grave crise.

Do movimento neoconcretista destacam-se, ainda, os objetos-ativos de Willys de Castro, o Livro da criação de Lygia Pape e os não-objetos verbais de Ferreira Gullar e Osmar Dillon.

A V Bienal de São Paulo, em 1959, vem expor uma nova tendência internacional da arte - o tachismo - que irá dar o golpe final no abstracionismo geométrico.

Depois da II Guerra Mundial os E.U.A. passam a impor sua cultura ao mundo ocidental. Até a velha Europa consome sua música, sua cultura de massa, sua arte e sua literatura. A pintura que exporta não tem nada de característico, regional, ou nacional. É um abstracionismo informal, o qual o Brasil passa também a adotar.

A unificação de estilo decorreu mais, nessa época, do controle exercido pelo mercado de arte internacional e de um sistema comercial e político montado através de

embaixadas, museus, mostras internas do que mesmo pelo força da expressão estética manifestada pelos artistas.

No Brasil multiplicam-se as galerias de arte, garantindo altos preços e profissionalizando os artistas. A crítica provinciana perde sua importância em face de internacionalização do estilo e da influência dos grandes centros. Outro fator a ser considerado é o engajamento, sem nenhuma discussão, da crítica brasileira às concepções internacionais, carente que é o Brasil ainda de características próprias.

O tachismo que se havia expandido pelo mundo, começa, a partir de 1962, a perder seu impulso.

5.3.2 - Arquitetura

Depois da II Guerra Mundial os países europeus, interessados em sua reconstrução, descobrem o poder de criação da moderna arquitetura brasileira.

A presença de Le Corbusier por duas vezes no Brasil (em 1929 e 1936) dá impulso a uma tendência renovadora que já se vinha manifestando na arquitetura e que se firma com os trabalhos de Afonso E. Reidy, Rino Levi, Joaquim Cardoso, Lúcio Costa, os irmãos Roberto, Jorge M. Moreira, Oscar Niemeyer e outros.

Essa tendência firma-se, apresentando a arquitetura brasileira um caminho apropriado ao clima e aos costumes

mes do país, tendo como base os princípios de Le Corbusier e outros mestres europeus do século XX.

E essa característica é uma constante nas obras projetadas e construídas na década de 1950: conjunto de apartamentos no parque Guinle (projeto de Lúcio Costa); conjunto habitacional Pedregulho (Afonso E. Reidy); conjunto para exposições no parque Ibirapuera, em São Paulo (Oscar Niemeyer, Zenon Lotufo, Hélio Uchoa e Eduardo Kneese de Melo), além de outros projetos de importância.

Sérgio Bernardes, em 1958, consegue para o Brasil o prêmio estrela de ouro na feira internacional de Bruxelas com o projeto do pavilhão brasileiro, além do grande prêmio de habitação individual da trienal de Veneza, em 1954, pelo projeto de uma residência particular no Rio.

Mas o fato de maior importância para a arquitetura brasileira nessa década é a decisão do então presidente Juscelino Kubitschek de construir uma nova capital no Planalto Central. Em pouco mais de três anos a cidade é inaugurada e pela primeira vez se pode observar uma estreita integração da arquitetura com o urbanismo.

O projeto do plano piloto foi entregue a Lúcio Costa e os projetos dos edifícios governamentais, a Oscar Niemeyer, que, com sua equipe de trabalho, transporta-se para o local da futura capital executando obras de grande beleza plástica como a Catedral (concluída posteriormente); o Palácio da Alvorada, com sua capela anexa; O Palácio do Planalto; o Supremo Tribunal Federal, conjunto do Congresso Nacional, constituído dos plenários do Senado e da Câmara, e de duas lâminas de 27 andares para os serviços de apoio; Tea

tro Nacional. Numa segunda fase, realizou os projetos do Palácio dos Arcos (sede do Ministério das Relações Exteriores), todo contornado por lagos e plantas aquáticas, dando a impressão de que as bases do edifício estão plantadas dentro da água, bem como o do Ministério da Justiça.

Durante uma década Brasília torna-se campo excepcional para criações arquitetônicas, tendo como constante a tendência observada na arquitetura brasileira contemporânea, com inspiração no pensamento de Le Corbusier e tendo como figura de destaque Oscar Niemeyer com suas concepções inovadoras, formais e poéticas.

Depois da fase de euforia de Brasília, os arquitetos brasileiros começam a se afastar da linha pessoal e acentuadamente lírica de Niemeyer. Passam a pesquisar no campo de novas estruturas e de emprego de novos materiais, acompanhando os trabalhos desenvolvidos nos países estrangeiros. Afonso Reidy é pioneiro nesse sentido e são de sua autoria os projetos do Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro (1954) e do Instituto de Previdência do Estado da Guanabara - I.P.E.G. (1957).

5.4 - LITERATURA BRASILEIRA, 1951/1962

O levantamento estatístico da bibliografia referente ao período demonstrou que a poesia foi a forma de criação literária mais abundante nos anos de 1951/1962. Ao examinar esse mesmo material, não mais com o intuito de averiguar qual o gênero literário mais ou menos rico (termo es-

se aqui empregado em seu sentido quantitativo e não qualitativo) e sim para caracterizar cada um deles, verificamos que os poetas, nos anos 50, procuraram uma renovação radical da forma na poesia. O comportamento desse grupo de vanguarda assemelha-se ao dos participantes do Modernismo em sua mais polêmica e incisiva fase e resultará numa das manifestações mais atuantes dos meios artísticos brasileiros.

A par dessa busca de renovação, acresce que, nos anos 50, estão em voga conceitos recentes extraídos da Teoria da Informação, da Cibernética e de pensadores e filósofos que refletem sobre a sociedade de consumo e seu futuro. Todos esses fatores fornecem matéria para discussões e propiciam o aparecimento de uma nova expressão artística - o Concretismo.

Os dois fatos mencionados acima - ser de poesia o maior número de obras literárias registradas no Depósito Legal no período de 1951/1962 e a importância do movimento concretista - fizeram com que, nesta caracterização da produção literária no período de 1951/1962, focalizássemos inicialmente a poesia.

5.4.1 - Poesia Concreta

A poesia concreta não é senão uma retomada de experiências futurísticas e cubistas que, na época, procuram se contrapor à poética metafórico-musical do Simbolismo. Na década de 50, com a tecnologia estendendo seus tentáculos a todos os campos e aos quatro cantos do mundo, não havia mais sentido de se perpetuar uma expressão literária tradicio-

nal, explorando os recursos de uma frase ou de um verso linear.

Os poetas procuram inovar e contestar o formalismo. Os objetivos estetizantes da "geração de 45" aparecem na antologia Noigrandes 1, no ano de 1952. Mallarmé e seu poema "Un coup de dés jamais n'abolira le hasard" (em que predomina a estrutura verbo-visual) são escolhidos como ponto de partida para as explorações renovadoras. Outros poetas e escritores, como Marinetti, Apollinaire, Maiakovski, Klébnikov, Joyce e Ezra Pound e alguns de língua portuguesa-Fernando Pessoa, Carlos Drummond, João Cabral de Melo Neto e Sousândrade - também lhes servem de modelo e inspiração.

O que os concretistas procuram exteriorizar não se evidencia apenas através da expressão verbal; outras manifestações artísticas também o revelam. O que importa é a criação do objeto, quer sonoro, plástico ou cinético. A arte é techné, atividade produtora e, no caso da poesia, o poema é o objeto da linguagem. Elegem como referência estetizante toda uma tradição tecnicista, experimentalista, da qual são representantes Picasso, Braque, Volpi, Calder, Godard, Alain Resnais e Webern.

Por outro lado, o Concretismo coincide com a divulgação dos conceitos do Estruturalismo. Este novo método, que angariou grande divulgação e adeptos que no campo da antropologia, quer no da linguística, na Europa e nos E.U.A. veio fornecer aos concretistas matéria sobretudo para explorações fonéticas, morfológicas e topográficas do significante, o que não implica que não tenham realizado experiências nas áreas semânticas, sintáticas e léxicas. Polemicamente desprezaram o verso tradicional e concentraram sua pesquisa na

linha de uma sintaxe espacial.

Em Noigrandes 1 (1952) Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pgnatari publicam poemas ainda em verso, em que se pode reconhecer alguns pontos de contato com o formalismo da poesia da "geração de 45". Em 1955 e 1958 surgem Noigrandes n.º 2, n.º 3 e n.º 4 respectivamente (a última contendo o Plano-Piloto para poesia concreta, texto que, juntamente com "Situação atual da poesia no Brasil" de Décio Pgnatari, encerra os fundamentos teóricos do Concretismo brasileiro). Noigrandes n.º 5 vai aparecer em 1962 e aos três nomes já citados pode-se acrescentar, como integrantes do grupo, os de José Lino Grünewald, Ronaldo Azeredo, Mário da Silva Brito, Edgard Braga, Pedro Xisto, Wladimir Dias Pino e José Paulo Paes.

Dois poetas antecipam-se à experiência concretista. Foram Mário Faustino e Ferreira Gullar. O primeiro, a par de sua maestria no emprego de formas tradicionais, em sua segunda fase foi um criador de linguagens novas, explorando e pesquisando a potencialidade do significante. O segundo, com a Luta Corporal (1954) contribuiu para a afirmação do Concretismo no Brasil. Sua obra (poética, teatral ou ensaística) a partir de 1958, no entanto, trilha um caminho mais participante, de engajamento com os problemas político-sociais que o país então vivia.

Dissidência do projeto concretista é a poesia-praxis que tem em Mário Chamie seu teórico e poeta mais atuante. Outros nomes ligam-se a esse subgrupo, como Cassiano Ricardo, Arnaldo Saraiva, Mauro Gama, Antônio Carlos Cabral, Camargo Meyer, Yvonne Gianneti Fonseca e outros.

5.4.2 - As Demais Tendências da Poesia nesse Período

5.4.2.1 - A Poesia Participante

As elites culturais sentem, na década de 50 a 60, a "necessidade" de uma maior participação na vida social e política do país. Esse período corresponde, primeiro, a uma convulsão política durante o governo de Vargas, culminando com o suicídio do então Presidente da República. Segue-se o governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira e todo o idealismo de construção de um país "desenvolvido 50 anos em apenas 5".

Nos anos 50 começa e se delinea uma poesia preocupada com os temas sociais que só irá se afirmar na década seguinte, mas que, já em 1959, se faz presente com o Romanceiro Cubano de Jamil Almansur Haddad. Dois outros poetas filiados a essa corrente, com obras publicadas em 1961 e 1962, são Affonso Ávila e José Paulo Paes. Outros nomes irão surgir nos anos que se seguem.

Em 1962-63, aparece a série composta de três livros, conhecida como Violão da Rua na qual colaboram poetas já consagrados, de formas estetizantes e [classistas] *co-elétrico* como Joaquim Cardozo; poetas da "geração de 45" e outros mais novos como Moacir Félix e Félix de Athayde.

Desse filão irá participar João Cabral de Melo Neto, já então dono de uma técnica segura e de um novo critério

rio estético. Publica, nessa década, grande e importante parte de sua obra (O Rio /1954/; Morte e Vida Severina, Paisagens com Figuras e Uma Faca Só Lâmina /1956/; Terceira Feira 1961/. Vinícius de Moraes também escreve /O Operário em Construção".

5.4.2.2 - A Poesia Lírica e Intimista

Ao lado dessas duas facções mais recentes, integradas nos e decorrentes dos acontecimentos nacionais e internacionais da época, continua a poesia lírica e intimista a ser produzida, em formas e metros tradicionais, por bons e já consagrados poetas. Citam-se entre outros, nesse caso, os nomes de Murilo Mendes, Jorge de Lima, Cecília Meirelles, Mário Quintana, Joaquim Cardozo, Henriqueta Lisboa, Augusto Frederico Schmidt e Vinicius de Moraes. São poetas que vêm de gerações anteriores e nessa década atingem a maturação poética, expressando-se numa forma tradicional (os sonetos de Vinicius; os tercetos, citavas e sextinas de Jorge de Lima) e numa lírica do ser e da presença, com características neo-simbolistas, uns de poesia religiosa ou erótica outros. E outros ainda de múltipla dimensão, como é o caso de Jorge de Lima (poeta bíblico, negro, regional e hermético). Murilo Mendes, foi exemplo, publica em 1954 sua obra-prima - Contemplação de Ouro Preto - em que a disciplina semântica, o emprego de metros exatos e o ritmo atingem o ponto alto em sua produção.

5.4.3 - A Prosa

O período focalizado (1951-1962) corresponde a um Brasil convulsionado por debates políticos e pela formação de uma nova consciência com relação aos problemas sócio políticos e desenvolvimentistas do país. Depois da II Guerra Mundial, o Brasil retorna ao estado democrático e toda uma jovem geração, criada durante a ditadura Vargas, vai conhecer eleições e delas participar euforicamente. O Partido Comunista volta à legalidade (embora por pouco tempo) e o antigo ditador, ao poder através das urnas. Seu governo não chega ao fim, abalado por comprovadas denúncias de corrupção na sua guarda pessoal que o levam ao suicídio. Segue-se o go verno de Kubitschek com o seu idealismo desenvolvimentista.

O nacionalismo, que antes da II Guerra Mundial era apanágio da direita, passa a ser um dos pontos defendidos pela esquerda. Toda a nação vibra com os acontecimentos que ocorrem então no Brasil e a intelligentsia, como uma necessidade ética, deseja "participar" do processo sócio-polí tico que se desenvolve nesse período no país. Vários estudio sos de orientação esquerdizante publicam, na época, livros so bre aspectos da vida brasileira. Exemplos são: Álvaro Vieira Pinto, Consciência e Realidade Nacional, 1960; Hélio Jaguaribe, O Nacionalismo na Atualidade Brasileira, 1956 e Desen - volvimento Econômico e Desenvolvimento Político, 1961; Roland Corbusier, O Problema da Cultura Brasileira, 1961.

O nacionalismo leva à pesquisa do nosso folclore e atenção especial merece a cultura popular. Nesse par ticular citam-se os três volumes do Violão de Rua (poesia), alguns textos dramáticos de Ariano Suassuna, Dias Gomes, Au-

gusto Boal e Gianfrancesco Guarnierei; alguns roteiros de filmes e letras de música popular.

A divulgação de novos conceitos tecnicistas, oriundos do Estruturalismo, da Teoria da Informação e da Cibernética, contribuiu para o surgimento, como já foi dito, da poesia concreta e do novo romance. A literatura aceitou e incorporou as exigências formalizantes e técnicas dessas novas ciências e método.

A grande figura de Guimarães Rosa se sobressai na ficção desse período como inovador numa linha de vanguarda experimental. Mas, como escritor consciente, só inovou depois de pesquisar o potencial da língua com que trabalhava. Sua linguagem, tomando como ponto de partida a musicalidade da fala, evolui em seguida para a incorporação de recursos poéticos - aliterações, rimas internas, anáforas, metáforas e metonímias -, o emprego de vocabulários arcaico e neológico e ousadas combinações de sons e formas. Os livros publicados nos anos 50 (Corpo de Baile, 1956 e Grande Sertão: Veredas, 1956) correspondem a uma fase já madura de sua obra. Outro nome de primeira plana a citar é Clarice Lispector que publica em 1952 Alguns Contos, em 1960 Laços de Família e em 1961 a Maçã no Escuro. A partir desse livro, seu nome junta-se aos de Guimarães Rosa pela revisão que procuram em comum dos processos da linguagem e da montagem do romance. Os dois, entretanto, diferem, entre outros pontos, quanto à temática: Clarice filia-se à corrente da ficção intimista (o eu e sua auto-análise; o eu e a absorção do mundo por esse eu. O mundo interior da autora) enquanto que em Guimarães Rosa predomina o aspecto regionalista.

O terceiro desses escritores "experimentalis -

ta" é Osman Lins. Em 1955 publica O Visitante, em 1957 Os Gestos (contos) e em 1961 O Fiel e a Pedra. A sua obra oscila entre a ficção regional e a intimista. Sua narrativa, densa e hermética, caracteriza-se pela inovação no campo formal em que o autor recorre ao emprego de símbolos gráficos como um recurso, ora para pontuar, ora, para iniciar monólogos interiores.

A ficção nos anos 50 apresenta o seguinte quadro: o neo-realismo, que aparecera a partir de 30 e produziu todo um ciclo fecundo, conhecido por "romance do Nordeste" com as obras de José Lins do Rego, Jorge Amado e Graciliano Ramos, exaurece-se; e o romance intimista, que vinha lenta mas seguramente se afirmando nas décadas de 30 e 40, continua vivo e fecundo.

Escritores que perseguiram os temas do regionalismo e da crítica social e já se haviam destacado anteriormente, continuam a trilha escolhida. Nesse caso encontra-se Graciliano, que publica Memórias do Cárcere e Viagem (1953) (a primeira obra um pungente depoimento de sua prisão política em 1936-37; José Lins do Rego escreve Cangaceiros (1953) e Meus Verdes Anos (1956); e Jorge Amado, que passa a deter-se mais nos aspectos pitorescos dos costumes provincianos. Seus romances perdem a agudeza da crítica social e tornam-se mais crônicos de costumes. Raquel de Queiroz, que se iniciara na literatura fazendo denúncias sociais publica nessa década, crônicas sobre temas conservadores, defendendo o status quo. Érico Veríssimo escreve de O Tempo e o Vento dois livros - O Retrato (1951) e O Arquipélago (1961) - enfocando, na vida de duas famílias patriarcais, o passado de sua terra.

No mesmo período encontram-se, também outros escritores que, sem atingir uma linguagem forte e incisa, representam um regionalismo menor, podendo ser citados, entre outros, Peregrino Junior, Dalcídio Jurandir, Herberto Sales, José Condé, Amando Fontes, Fran Martins, Gastão de Holanda, Perminio Asfora, etc.

A prosa de tendência introspectiva que atingira seu ponto alto nos anos 40 demonstra, na década de 50, ainda uma rica vivência e inúmeros seguidores. Cada um deles com suas características próprias, mas todos abraçando o tema do romance psicológico, o problema do eu interior, com maior ou menor intensidade, em contraposição ao mundo exterior. Nesse filão podem ser citados Marques Rebelo, José Geraldo Vieira, Maria Alice Barroso, Lúcio Cardoso, Cornélio Pena, Cyro dos Anjos, Otávio Faria, Lígia Fagundes Telles, Elisa Lispector, Otto Lara Resende, Aníbal Machado, Autran Dou rado, Dalton Trevisan e Carlos Heitor Cony, além de outros.

5.4.3.1 - A História Literária, a Crítica e o Ensaio

Esses gêneros também foram férteis na década 50/60. Tristão de Athayde publica em 1956 Introdução à Literatura Brasileira e Quadro Sintético da Literatura Brasileira, Afrânio Coutinho coordena no período 55/59 e publicação de A Literatura no Brasil, em quatro tomos e Álvaro Lins marca sua presença constante nesse período com os diversos volumes do seu Jornal de Crítica. Antônio Cândido de Mello e Souza, em sua Formação da Literatura Brasileira, publicada

em 1959, demonstra todo seu saber e conhecimento sobre a vida literária brasileira até o Romantismo. Roberto Alvim Corrêa é outro nome a ser lembrado com sua obra Anteu e a Crítica. Em 1955 Antônio Soares Amora publica Historia da Literatura Brasileira. Andrade Muricy, em 1952, aparece com seu estudo de vulto Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro em três volumes. Sérgio Milliet, Wilson Martins, Lúcia Miguel Pereira, Mário da Silva Brito, Francisco de Assis Barbosa, Peregrino Jr. e Augusto Meyer, numa relação não exaustiva, publicam os estudos sobre determinados períodos de nossa literatura ou ensaios sobre obras de autores brasileiros.

5.4.4 - Teatro

O espírito de rebeldia, de contestação e de procura de raízes nacionais, próprio da Semana de Arte Moderna, só chegou ao teatro vinte anos depois.

Por outro lado, a II Grande Guerra força a vinda para o Brasil de diversos intelectuais europeus, inclusive homens de teatro. Cerca de uma dezena de encenadores estrangeiros fixam-se nessa época no Rio de Janeiro e em São Paulo, trazendo para o nosso meio tratral conhecimentos, técnicas e experiências correntes na Europa e até então desconhecidas no Brasil. Ziembinski, Adolfo Celi, Luciano Salce, Ruggero Jacobbi, Flaminio Rolline e Gianni Ratto (encenadores) e Aldo Calvo e Túlio Costa (cenógrafos) iriam revolucionar os nossos espetáculos teatrais com cenários despojados e realistas; com a importância dada à iluminação e ao som; com a estilização de gestos e movimentação dos atores no palco e

sobretudo pelo desempenho da direção, dando unidade ao espetáculo, resultante do conjunto texto-cenários-intérpretes. Exemplo, e marco da história do teatro brasileiro, é a encenação de Vestido de Noiva, de Nelson Rodrigues, por Ziembinski, em 1943, com os integrantes do grupo Os Comediantes.

O teatro brasileiro renova-se a atualiza-se. Ganha a aquisição de todos esses elementos e técnicas novas, mas estrangeiras. Sofre assim, a perda de seu caráter nacional. Os autores brasileiros sentem-se desprestigiados; os textos nossos rareiam; e a voz dos encenadores e cenógrafos brasileiros não é ouvida junto a dos estrangeiros.

As tendências políticas (nacionalistas) da década 50-60 vieram coincidir com uma necessidade de reação que se fazia sentir no meio artístico teatral. A dramaturgia, nesses dez anos, irá percorrer uma trajetória semelhante à do romance nordestino entre 1930-40 - interesse por temas esquerdistas e valorização do que era brasileiro. O Brasil era um país pobre, mas rico em potencialidades sociais, políticas e revolucionárias.

A reação aos recursos e elementos estrangeiros tem início. Surgem encenadores brasileiros que passam a atuar nos maiores centros culturais - São Paulo, Rio de Janeiro e Recife. Entre esses citam-se os nomes de Augusto Boal, Martin Gonçalves, Flávio Rangel, João Bethencourt, Ivan de Albuquerque, José Celso Martinez Correia e outros.

Em cada uma dessas capitais desenvolve-se um teatro com características diferentes. Em Pernambuco, Ariano Suassuna e Hermilo Borba Filho empenham-se por um teatro nacional. Hermílio Borba Filho à frente do Teatro do Estu -

dante de Pernambuco procura dar oportunidade e incentiva novas vocações. Ariano Suassuna exercendo mais atividade de autor, escreve textos muito próximos das raízes populares, inspirados em espetáculos de feira e literatura de cordel. Regionalista por excelência, sua obra já transcedeu os limites do Nordeste e é hoje conhecida em todo o Brasil e no estrangeiro.

Em São Paulo, onde já na década de 20 se faziam sentir os problemas decorrentes da industrialização, os autores preocupam-se sobretudo com as questões econômicas e as transformações da sociedade ocorridas em virtude da marcha para um capitalismo industrial. Abilio Pereira de Almeida retrata uma São Paulo amarga e pessimista. Jorge Andrade (que começou sua carreira em 1951), mais profundo, analisa vários tipos humanos e grupos sociais - da cidade e do campo; do passado e do presente; de nível econômico mais ou menos elevado. Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal, em nome da doutrina que adotaram - o marxismo - contestam frontalmente, a estrutura capitalista e realizam espetáculos de teatro político. E foi também em São Paulo que Dias Gomes produziu sua peça mais conhecida - O Pagador de Promessas.

O teatro no Rio de Janeiro já apresenta outra característica, coincidente aliás, com uma constante do teatro brasileiro - a comicidade. Silveira Sampaio explora o tema dos costumes cariocas. No período estudado encena as seguintes peças de sua autoria: Flangrantes do Rio nº 1 em 1951, Deu Freud Contra (1952), Flagrantes do Rio nº 2 (1952), O Cavalheiro sem Camélias (1953), O Diabo em 4 Corpos (1953), e S. Exma. em 26 Poses (1954). Introduz em nosso teatro o fazer rir através do absurdo, do grotesco.

Millor Fernandes e João Bethencourt também escolhem o humorismo sofisticado para criticar os costumes dos grandes centros urbanos.

O espírito de sátira e humorismo, às vezes até com um toque de surrealismo, são tão próprios do carioca que mesmo as peças infantis e as de caráter político revestem-se dessas características. Esempos das primeiras são as peças de Maria Clara Machado e Lúcia Benedetti, e das segundas Se Correr o Bicho Pega, se Ficar o Bicho Come, de Ferreira Gullar e Oduvaldo Viana Filho, e Pedro Mico de Antônio Callado.

No Teatro brasileiro contemporâneo um nome se destaca: Nelson Rodrigues. Autor consagrado, considerado como gênio universal pela melhor crítica, por ocasião da estréia de sua peça Vestido de Noiva, escreve e vê encenadas, no período ora estudado, a A Valsa nº 6, A Falecida e Senhora dos Afogados, peças que pertencem à sua fase onírica (voltada para o profundo da vida psíquica do homem, para os subterrâneos do comportamento humano).

Outros nomes ainda a serem mencionados por sua produção no meio literário teatral da década 1950/1960 são: Joraci Camargo (A Santa Madre, Rainha Elizabeth, Rodas de Aurora em 1953; e A Figueira do Inferno em 1954); Henrique Pongetti (Maneguqim, 1951; Os Maridos Avisam Sempre, 1953, Amanhã se Não Chover, 1951 e Guilherme de Figueiredo (A Raposa e as Uvas, 1953).

6 - PONTES

6.1 - BOLETIM BIBLIOGRÁFICO DA BIBLIOTECA NACIONAL

O Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional surge como decorrência do Decreto nº 433 de 03 de julho de 1847 que: "obriga os impressores a remeter na Côrte à Bibliotheca Pública Nacional e nas Províncias à Bibliotheca da Capital, hum exemplar de todos os impressos das respectivas Typographias." (11)

Posteriormente, Manuel Cícero, Peregrino da Silva, quando diretor da Biblioteca Nacional, empenha-se em atualizar a legislação referente ao Depósito Legal conseguindo-a com o Decreto nº 1825, de 20 de dezembro de 1907, ficando a Biblioteca Nacional com obrigatoriedade de publicar regularmente um Boletim Bibliográfico, com o objetivo de registrar as aquisições efetuadas em virtude da legislação referida (12).

As Instruções de 19 de dezembro de 1930, determinam a atualização da legislação anterior quanto às sanções estabelecidas e a nova terminologia dos processos gráficos.

Em virtude dos Decretos e Instruções mencionados acima, tornou-se obrigatória publicar a Bibliografia Nacional Corrente, a qual tem sido feita, apesar de suas várias interrupções, através do Boletim Bibliográfico. Tabela 2.1.

TABELA 2.1

FICHA KARDEX DO BOLETIM BIBLIOGRÁFICO, 1918/1975

TABELA 2.1
FICHA KARDEX DO BOLETIM BIBLIOGRÁFICO, 1918/1975

Ano	Vol.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
1918	Ano I	nº 1			nº 2			nº 3			nº 4		
1919	Ano II	nº 1			nº 2			nº 3			nº 4		
1920	Ano III	nº 1/2						nº 3/4					
1921	Ano IV	nº 1/2											
1931	1º semestre 1931 - Separata do Boletim do Ministério da Saúde												
1938	1º e 2º Semestres - Separata do Boletim do Ministério da Educação e Saúde												
1945	Publicada em 1947												
1951	V. II	nº I						nº II					
1952	V. II	nº I						nº 2					
1953	V. III	nº I						nº 2					
1954	V. IV	nº I						nº II					
1955	V. V	nº I						nº II					
1956	V. VI	nº I						nº 2					
1957	V. VII	nº I						nº II					
1958	V. VIII	nº I						nº II					
1959	V. 9	nº I						nº 2					
1960	V. 10	nº I						nº 2					
1961	V. 11	nº I						nº 2					
1962	V. 12	nº I						nº 2					
1963	V. 13	nº I						nº 2					
1964	V. 14	nº I						nº 2					
1965	V. 15	nº I						nº 2					
1966	V. 16	nº I						nº 2					
1967	V. 17	nº I						nº 2					
1973	V. 18	nº I			nº 2			nº 3			nº 4		
1974	V. 19	nº I			nº 2			nº 3			nº 4		
1975	V. 20	nº I			nº 2			nº 3			nº 4		
Periodicidade variável													
Interrompido: 1922-1930													
1932-1937													
1939-1944													
1946-1950													
1968-1972													

Tratando-se também de Depósito Legal, o Decreto-Lei nº 824 de 05 de setembro de 1969, dispõe sobre a remessa ao Instituto Nacional do Livro de um exemplar de cada obra que se edite, incluindo, além de livros as obras musicais, mapas, planos, plantas, estampas, revistas, plaquetas e filhetos, bem como reimpressões de novas edições e traduções de obras estrangeiras. (19)

Assim, ao Instituto Nacional do Livro, foi igualmente atribuída a obrigatoriedade de divulgar em sua Bibliografia Brasileira Mensal, todas as obras recebidas como contribuição ao Depósito Legal.

Pelo exposto vê-se que teoricamente, existem no Brasil duas Instituições realizando o levantamento da Bibliografia Nacional Corrente, quando todos os esforços deveriam ser reunidos para que a publicação do Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional não sofresse interrupções, mas também, que os editores e os próprios autores fossem alertados constantemente para suas obrigações em relação ao Depósito Legal, de maneira que se pudesse fazer um levantamento da produção bibliográfica brasileira da mesma envergadura daquele que Victor Zoltovski executou com a Bibliographie de la France.

O histórico do Boletim Bibliográfico foi muito bem apresentado pelo Professor Edson Nery da Fonseca, em seu artigo: "Bibliografia Brasileira Corrente: evolução e estado atual do problema". (26)

6.2 - ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL

Para verificação da eficácia da Legislação relativa ao Depósito Legal, foram analisados, também os dados estatísticos apresentados no Anuário Estatístico do Brasil, sob as rubricas "Difusão Bibliográfica" e "Registro da Propriedade Intelectual".

Ao criar o Instituto Nacional de Estatística, em 1934, deu-lhe o Governo, entre outras, a atribuição de compilar "a estatística geral da República e, conseqüentemente, da organização do Anuário Estatístico do Brasil" (art.4º parágrafo primeiro, do decreto 24.609).⁽¹³⁾

Essa publicação inclui dados relativos : a) à Difusão Bibliográfica; b) ao Registro da Propriedade Intelectual, efetuado na Biblioteca Nacional, na Escola Nacional de Belas Artes e na Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

Em 1937, o Decreto 1.527 institui o Conselho Brasileiro de Geografia.⁽¹⁵⁾

O Instituto Nacional de Estatística e o Conselho Brasileiro de Geografia passaram a constituir o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, conforme o Decreto Lei nº 218, de 1938.⁽¹⁶⁾ Esse Instituto por sua vez, foi integrado na Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística por força do Decreto-Lei nº 161, de 1967.⁽¹⁸⁾

7 - MÉTODO

7.1 - CLASSES ESCOLHIDAS

7.1.1 - Inclusão e Exclusão de Assuntos

Para a seleção dos assuntos considerados nesta Dissertação, foram levados em consideração os seguintes pontos:

a) Necessidade de se situar os assuntos em uma área específica dos conhecimentos humanos, dando-se preferência ao Humanismo, encarado como um conjunto de tendências orientadas no sentido de reviver os modelos artísticos, literários e científicos da Antiguidade Greco-Latina, considerada como exemplo de afirmação da independência do espírito humano.

Do ponto de vista histórico, o Humanismo está intimamente ligado ao Renascimento, mas seu conceito geral é sem dúvida, muito mais amplo e complexo. Sendo também uma descoberta do homem enquanto homem é, portanto, uma reafirmação de todas as categorias do humano.

A cultura humanista afirmava essencialmente a existência de assuntos principais, de temas maiores do pensamento, em contraposição aos assuntos menos importantes e os pequenos elementos do dia a dia. Portanto, propunha, inicialmente, uma hierarquia, uma ordenação de nossos conceitos, implicando a existência de "conceitos gerais integradores".⁽³¹⁾

A educação humanista punha à nossa disposição

um determinado número de processos para apreensão de um conceito por meios relativamente simples. "Partindo de um ponto, a idéia, a percepção, o fato, ligam-se a um outro, depois a outro ainda, recaindo em conceitos-encruzilhada já ligados entre si por uma forte estrutura, procurando, por assim dizer, "eixos de coordenadas", e o pensamento humanista permitia apreender uma estrutura a partir desse posicionamento, desta topologia do conhecimento"⁽³¹⁾ e isto, resultava num método educativo: as Humanidades. O homem erudito, culto, tinha que ter conhecimento dos grandes conceitos, denominados conceitos-encruzilhada, consistindo estes, em princípios de geometria, conhecimentos elementares de latim ou de línguas estrangeiras e grandes idéias filosóficas.

No fim do século XV, o Humanismo entra em flagrante conflito com a ortodoxia cristã, confundindo-se, ao longo de todo o século seguinte, com a floração artística da Renascença. Ainda durante o século XVI, mais precisamente a partir dos decretos do Concílio de Trento e da implantação da Contra Reforma, o espírito humanista principia a agonizar e, enquanto movimento intelectual e literário, o Humanismo já está morto antes mesmo que termina o século. As preocupações religiosas e o interesse pelas novas ciências naturais escrevem-lhe o epitáfio.

As Ciências Humanas, mesmo as mais complexas dentre elas, guardam em seu desenvolvimento, certos traços de sua origem tais como, alguns conceitos filosóficos.

b) A Psicologia e a Filosofia, foram excluídas deste trabalho, por ser tendência hoje em dia, considerá-las como ciências independentes.

A psicologia, como foi dito acima, não foi in-

cluída como objeto de estudo da classe 100, excluindo-se, por idênticas razões, o ocultismo e a magia.

Antes de separar-se da filosofia, uma ciência nova ao se constituir, entra em choque ou conflitos, levando de certo modo, tempo para descobrir as suas principais tendências, uma vez que estas, inicialmente, estão longe de conscientizar-se e só se descobrem em função de aproximações consecutivas e, muitas vezes, até dos erros ou exageros das teorias iniciais.

Não são os problemas nem os campos de estudos causadores da separação entre a filosofia e a psicologia uma vez que ambas se ocupam do comportamento, do desenvolvimento ou das estruturas.

A diferença entre elas está, unicamente, na descentralização do eu, pretendendo o psicólogo, apenas, apresentar hipóteses verificáveis para cada um, fornecendo com suas próprias técnicas, suficientemente diferenciadas, os instrumentos de controle.

O filósofo, por sua vez, admite o conhecimento de si próprio, em virtude de um conjunto de instituições consideradas primitivas e anteriores a qualquer conhecimento psicológico.

Se a libertação da psicologia é uma realidade, e a sua independência está confirmada hoje em dia, resta saber se o psicólogo, por sua vez, estará liberto das conjeturas filosóficas. ⁽³⁴⁾

Poder-se-á perguntar então: será a psicologia

uma ciência inflexível, preocupando-se apenas na previsão e controle do comportamento ou será uma ciência flexível que começou por estudar a pessoa e toda a gama da condição humana, dos pontos de vista objetivo e subjetivo?

Um dos problemas que traz consigo está em sua própria definição. De "estudo da alma" a "ciência do comportamento", passou a psicologia por várias aproximações: "ato", "função", "mente", "consciência", seriam entre outros, termos definidores de seu objeto.

A proposição de conduta como objetivo de investigação, dotou a psicologia de um objeto compatível com a sua condição de conhecimento científico, cabendo a J. B. Watson, a introdução desse novo conceito.

Como ciência, a psicologia se limitaria ao estudo controlado e mensurável de estímulos e respostas representados como categorias possíveis de observação pública, atendendo-se assim, à exigência derivada da perspectiva positivista.

Sabe-se, entretanto, que a psicologia apresenta diferentes significações para diferentes pessoas: uma ciência, uma filosofia, e uma arte. Como ciência é o estudo do comportamento, como filosofia é o estudo de pessoas e como arte, é a aplicação intuitiva do que conhece acerca das pessoas e acerca do seu comportamento. ⁽³⁷⁾

O motivo da não inclusão da linguística neste trabalho é que, como ciência, como método de análise, objeto de estudo e comprovando empiricamente os fatos estudados, teve seu início no Brasil através de Joaquim Mattoso Câmara Júnior em 1939, sem grande receptividade porque o prestígio do

enfoque filológico entre nós e em Portugal tornou o advento da linguística um trabalho penoso.

Sua missão principal consiste na descrição de fatos linguísticos passíveis de observação, não se dispondo a descobrir nem ensinar como é preciso falar, cabendo aos linguístas, unicamente, indicar as diretrizes a serem seguidas em matéria de linguagem.

Grande parte dos linguístas afirmam que seu aparecimento como ciência, surgiu em 1916, data da publicação do Cours de Linguistique Générale de Ferdinand Saussure.

Outros, a situam em 1956, com Noam Chomsky, enquanto há os que a datam de 1816 com Franz Bopp, ou de 1926 com Nicolai Trubetzkoi.

No entanto, a linguística geral fundada em 1916 não foi criada do nada: representa uma das etapas do desenvolvimento contínuo da língua desde o século IV a.C. com a publicação da gramática de Panini até a época de Saussure. Se por um lado a linguística atual combate grande parte das idéias tradicionais sobre a língua, por outro lado, não faz mais do que reformular ou formalizar muitas dessas idéias, de acordo com sua contínua renovação como ciência.

Em geral, a linguística é definida como ciência da linguagem em virtude de sua maneira objetiva de trabalho: o linguísta apoia-se em fatos observados e susceptíveis de serem comprovados empiricamente, abstendo-se, entretanto, de exprimir julgamento de valor.

Tem um objeto com aspectos múltiplos, todavia

não o considera como um todo e domina o conjunto de seus aspectos, de modo que isto constitua seu objeto próprio.

Seu objetivo é o estudo da estrutura e da evolução da linguagem humana, em toda a complexidade de seu funcionamento e de suas realizações em linguagens distintas.

Como ciência nova, em pleno desenvolvimento, se parou-se paulatinamente do ensino gramatical, das pesquisas filológicas e dos argumentos filosóficos sobre os fundamentos do conhecimento sobre as relações entre o pensamento e seus meios de expressão.

Modernamente, representa ela a totalidade dos diversos tipos de pesquisa que demarcam seu desenvolvimento: descrição de todas as línguas conhecidas; história das línguas, da qual uma parte importante é a gramática comparada, que, baseada no método comparativo, determina os parentescos e afinidades entre as línguas; estudo geral das condições de funcionamento, da estrutura e das línguas, estudo este que constitui o objetivo da linguística geral.⁽³²⁾

Acrescido a isto tem-se, mais recentemente, as teorias de funcionamento das línguas e busca dos universos linguísticos como a gramática gerativa transformacional.

c) Necessidade de procurar áreas interrelacionadas e conseqüentemente, as classes de Ciências Sociais, Ciências Puras e Ciências Aplicadas não estariam dentro desta especificação.

d) A medida de comparação da Classe 000 Obras Gerais, com outras Classes, seria improdutiva, tendo em vis-

ta a sua própria originalidade.

e) Não tendo sido escolhida a área de Ciências Sociais como parâmetro para medida de produção editorial, exclui-se a Classe 900 - Biografia, Geografia e História que estariam relacionadas com a mesma.

f) 780 - Música - Excluída por se tratar caso especial das Artes, uma vez que os livros não são significativos do movimento musical, sendo este expresso pela partitura, que foge ao escopo deste trabalho.

g) 790 - Recreação - Os assuntos contidos nesta rubrica não foram considerados representativos para uma análise da criação intelectual e artística de um país.

h) 790.2 - Teatro - Esta rubrica não foi incluída no cômputo da Classe 700, uma vez que as representações teatrais não interessam à análise realizada neste estudo e sim, a peça teatral escrita que foi incluída na rubrica B869.2 - Literatura Brasileira - Teatro.

7.2 - INCLUSÃO E EXCLUSÃO DE AUTORES

Incluiram-se os autores com nomes estrangeiros mas que escreveram em português excluindo-se, por sua vez, as adaptações e traduções por não serem consideradas como criação intelectual em um país, a não ser excepcionalmente no caso de obras cuja tradução representa trabalho intelectual dos mais importantes, como a do Ulysses de James Joyce, por An-

tonio Houaiss ou a do Finnegan's Wake, do mesmo autor, por Augusto e Haroldo de Campos.

8 - PROCESSOS

A primeira etapa do trabalho consistiu em se fazer cópias xerox do Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional - 1951/1962, compreendendo os assuntos: Filosofia, Religião, Belas Artes e Literatura.

Em seguida, as referências foram cortadas e coladas em fichas, tamanho 7,5 x 12,5 e arrumadas em fichários por assunto, obedecendo à classificação do Boletim Bibliográfico dentro de cada volume e por ano.

8.1 - NORMALIZAÇÃO DE CABEÇALHOS DE ASSUNTOS

Com os dados obtidos e organizados, a primeira preocupação foi a normalização de cabeçalhos de assuntos sob números idênticos de classificação, a fim de se efetuar o tratamento estatístico.

Relacionaram-se a seguir sistematicamente, dentro de cada classe, os números ou símbolos de classificação seguidos dos termos a eles ligados nos diversos volumes. Anexo 11.1.1.

No anexo 11.1.2, foram indicados os cabeçalhos

de assuntos que reúnem as publicações arroladas sob mais de um símbolo de classificação e sob mais de um cabeçalho de assunto, seguidos pelos termos e números de classificação neles incluídos.

Obviamente, não seria possível distinguir, sem acesso às publicações, qual a razão de se encontrarem reunidos, assuntos como ARQUITETURA E ESCULTURA, que aparecem juntos em 1952, embora depois passem a ser indicados isoladamente.

8.2 - LEVANTAMENTO NO BOLETIM BIBLIOGRÁFICO DAS CLASSES 100, 200, 700, 800

Este levantamento baseou-se nos seguintes dados: datas, assuntos, número de títulos e totais de publicações registradas no Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional, no período compreendido pela pesquisa - Tabela 2.2.

ANO	ASSUNTO	NÚMERO DE TÍTULOS	TOTAL DE PUBLICAÇÕES	TÍTULOS GERAIS
1951	Filosofia	17	535	
	Religião	124		
	Belas Artes	81		
	Literatura	313		
1952	Filosofia	33	581	
	Religião	168		
	Belas Artes	65		
	Literatura	335		
1953	Filosofia	20	747	
	Religião	177		
	Belas Artes	102		
	Literatura	448		
1954	Filosofia	41	936	
	Religião	232		
	Belas Artes	157		
	Literatura	467		
1955	Filosofia	29	856	
	Religião	240		
	Belas Artes	109		
	Literatura	458		
1956	Filosofia	28	931	
	Religião	226		
	Belas Artes	82		
	Literatura	555		
1957	Filosofia	50	797	
	Religião	150		
	Belas Artes	66		
	Literatura	523		
1958	Filosofia	44	917	
	Religião	149		
	Belas Artes	50		
	Literatura	634		
1959	Filosofia	31	974	
	Religião	162		
	Belas Artes	92		
	Literatura	669		
1960	Filosofia	33	743	
	Religião	123		
	Belas Artes	46		
	Literatura	553		
1961	Filosofia	34	765	
	Religião	124		
	Belas Artes	59		
	Literatura	508		
1962	Filosofia	25	657	
	Religião	131		
	Belas Artes	69		
	Literatura	457		

Em seguida, elaborou-se um outro, em ordem decrescente de títulos, para se ter uma idéia da criação intelectual registrada isoladamente por ano, dentro dos assuntos: Filosofia, Religião, Belas Artes, Literatura e subdivisões de cada um deles, verificando-se assim, em uma só Tabela, qual o assunto que apresentava maior índice de registro em observância à Lei do Depósito Legal. Tabela 2.3.

Com os dados obtidos, foram elaborados: a) Relação dos Títulos dos Assuntos na Ordem Decrescente do Registro Anual, incluindo-se símbolos de classificação e total de cada assunto no período 1951/1962 - Anexo 11.1.3; b) Gráficos em coluna - Anexos 11.2.1/11.2.3 e Gráfico de Curva - Anexo 11.3.1.

TABELA 2.3

OCORRÊNCIA DO DEPÓSITO LEGAL EM FILOSOFIA,
RELIGIÃO, BELAS ARTES, LITERATURA E SUAS
SUBDIVISÕES, 1951/1962

Respostas	Anos													Total Geral
	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	1958	1959	1960	1961	1962		
Total Geral	935	961	747	916	856	931	789	917	974	743	788	697	9.498	
A) Filosofia													154	
Ética	8	7	8	13	10	18	17	17	7	9	13	12	154	
Filosofia	9	9	12	10	5	10	2	8	11	6	6	7	95	
Filosofia Moderna	-	-	-	10	9	-	22	16	5	1	4	1	70	
Metafísica	-	-	-	2	2	-	-	-	3	3	5	3	17	
Filosofia Antiga, Oriental e Clássica	-	-	-	2	3	-	3	2	-	1	1	3	13	
Sistemas Filosóficos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	-	5	
Fosiliviano	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	4	
Humanismo	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	3	
Filosofia - História	-	-	-	-	-	-	2	1	-	-	-	-	3	
Liberdade Filosófica	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2	
Lógica	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	2	
Metafísica	-	2	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2	
Existencialismo	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	
Total	17	11	20	41	29	28	50	44	31	21	34	25	351	
B) Religião													480	
Teologia Moral	-	66	62	73	73	93	54	39	25	10	10	15	480	
Catecismo	-	-	-	-	38	7	12	32	37	14	53	19	212	
Igrejas Protestantes	-	26	25	31	16	5	13	1	5	3	11	3	139	
Liturgia	-	4	16	26	13	16	8	8	13	6	15	11	136	
Religião	124	-	-	2	-	-	-	-	-	-	1	-	127	
Teologia Dogmática	-	33	31	5	18	8	3	10	5	3	8	3	127	
Prática Religiosa	-	-	-	-	-	69	-	7	15	5	14	10	120	
Bíblia	-	7	14	16	11	5	6	6	3	12	13	3	94	
Virgem Maria	-	-	4	19	15	10	1	6	4	5	13	5	82	
Apologética	-	-	-	13	11	10	20	11	6	10	-	-	81	
Teologia Social Cristã	-	6	3	12	4	3	2	8	5	6	8	14	71	
Associações Religiosas	-	4	-	9	13	8	7	7	6	6	-	2	62	
Teologia Pastoral	-	2	1	6	5	5	5	3	12	4	7	3	53	
Igrejas Católicas	-	8	2	3	5	1	2	4	3	5	10	3	46	
Cristologia	-	-	2	2	4	4	5	1	3	5	11	8	45	
Ordens Religiosas	-	8	5	5	7	2	-	-	2	7	-	8	44	
Educação Religiosa	-	-	-	23	12	3	2	-	3	-	-	-	43	
Mimos	-	-	4	14	8	-	-	-	3	4	-	-	33	
Religiões Diversas	-	2	4	-	-	4	2	5	4	2	-	-	23	
Igrejas e Setas Cristãs	-	2	-	-	2	-	-	-	2	4	-	5	15	
Missões	-	-	-	2	-	1	6	-	1	3	1	1	15	
História da Igreja Cristã	-	-	3	-	-	-	1	-	4	1	1	-	10	
Administração Eclesiástica	-	-	-	3	-	7	-	-	-	-	-	-	10	
Costos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	5	10	
Soutrins Relativa a Deus	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	6	2	10	
Seminários Religiosos	-	-	-	4	3	-	-	-	-	1	-	-	8	
Milagres	-	-	-	-	-	5	-	-	-	2	-	-	7	
Novos	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2	4	7	7	
Salvação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	2	-	6	
Panteísmo Teosofia	-	-	1	-	2	-	1	-	1	-	-	-	5	
Conflitos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	5	
Religião e Ciência	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	2	
Evangelização	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2	
Igreja Ortodoxa	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2	
Paralelos Religiosos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	
Mitologia	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	
Vida Sacerdotal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	
Total	124	168	177	271	260	226	150	149	162	173	194	131	2.135	
C) Belas Artes													205	
Catálogos de Exposição	-	3	29	38	20	11	21	18	41	11	-	13	205	
Desenho	-	19	13	13	13	26	17	19	21	16	11	5	177	
Belas Artes	64	16	20	9	7	13	2	9	4	8	9	13	174	
Cinemas	-	3	25	9	7	7	3	10	7	2	16	5	94	
Arte Religiosa	-	-	-	49	18	2	5	-	-	-	-	-	76	
Urbanismo	-	5	4	11	3	-	8	4	2	5	8	15	61	
Arquitetura	-	13	4	10	10	-	2	3	2	-	5	7	56	
Pintura	-	4	3	-	22	-	2	6	1	-	-	-	38	
Fotografia	17	2	-	6	4	-	-	7	1	-	-	-	37	
Cartões	-	-	-	-	-	19	-	-	-	-	-	-	19	
Numismática	-	-	1	1	-	-	5	-	2	3	2	1	15	
Arte Popular	-	-	-	-	-	-	4	7	-	-	-	-	11	
Balé	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	7	3	11	
Danças	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	4	-	10	
Cerâmicas	-	-	1	1	2	-	-	-	3	1	-	-	8	
Estampas	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	5	
Gravura	-	1	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	5	
Rádio	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	4	
Escultura	-	-	-	-	-	-	-	2	2	-	-	-	4	
Artes Aplicadas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3	
Belas Artes - Brasil	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	
Decoração	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2	
Patrimônio Nacional - Preservação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	
Móveis e Acessórios	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	
Total	81	66	102	157	109	82	66	90	92	64	59	69	1.019	
D) Literatura													1.061	
Literatura Brasileira - Poesia	114	170	125	167	104	176	120	169	124	127	70	173	1.061	
Literatura Brasileira - Ficção	115	120	127	143	118	169	135	133	118	179	121	74	1.542	
Literatura	10	38	51	38	65	67	51	138	245	146	98	118	1.087	
Literatura Brasileira - Teatro	43	20	35	52	26	34	38	70	41	47	34	18	458	
Literatura Brasileira	16	5	6	12	2	64	41	41	42	49	21	29	328	
Literatura Brasileira - Miscelânea	3	19	39	18	35	39	26	36	41	20	26	15	317	
Literatura Brasileira - Farsas	12	14	18	21	10	21	26	33	32	24	24	11	246	
Literatura Brasileira - História	-	-	9	8	5	15	14	10	22	8	9	15	115	
Literatura Brasileira - Sátira e Humor	-	-	4	3	-	7	2	7	-	3	-	4	25	
Literatura Brasileira - Oratória	-	-	2	4	9	3	-	-	-	-	-	-	18	
Literatura Brasileira - Epitolografia	-	-	-	1	2	-	-	2	2	-	-	-	7	
Total	313	336	448	467	458	595	523	634	609	553	501	467	5.954	

8.3 - LEVANTAMENTO DAS DEMAIS CLASSES DO SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO

A terceira etapa do trabalho, para efeito de comparação, foi constituída por outro arrolamento, também efetuado no Boletim Bibliográfico, das demais classes que compõem o esquema de classificação (000, 300, 400, 600, 900).

Este inventário realizou-se contando-se ficha por ficha na própria publicação, sem fichamento prévio, excluindo-se como nas classes anteriores, as traduções e adaptações.

Este levantamento é apresentado, juntamente com os dados dos assuntos da Dissertação, na ordem do sistema de classificação - Tabela 2.4 e, na Tabela 2.5, os totais anuais são indicados aparecendo em primeiro lugar, as classes referentes aos assuntos do trabalho (100, 200, 700 e 800) seguidas das demais que compõem o esquema de classificação.

TABELA 2.4

LEVANTAMENTO DOS TOTAIS ANUAIS DAS CLASSES 000/900, DE 1951/62

Especificações	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	1958	1959	1960	1961	1962	TOTAL GERAL
Obras Gerais	84	150	141	146	165	137	138	173	200	185	129	174	1.822
Filosofia	17	11	20	41	29	28	50	44	31	21	34	25	351
Religião	124	168	177	271	260	226	150	149	162	123	194	131	2.135
Ciências Sociais	557	811	1.354	1.016	998	1.057	1.269	1.073	1.142	1.048	1.051	856	12.182
Filologia	55	76	135	151	165	114	140	139	127	120	141	99	1.462
Ciências Puras	46	132	162	145	147	140	206	185	318	245	231	203	2.160
Ciências Aplicadas	301	517	506	543	469	443	468	410	416	360	317	289	5.039
Belas Artes	81	66	102	157	109	82	66	90	92	46	59	69	1.019
Literatura	313	336	448	467	458	595	523	634	689	553	501	467	5.984
História, Geografia e Biografia	194	415	341	454	459	396	382	492	463	357	311	353	4.611
TOTAL	1.772	2.682	3.360	3.391	3.259	3.212	3.392	3.389	3.640	3.058	2.948	2.666	36.775

TABELA 2.5

LEVANTAMENTO DOS TOTAIS ANUAIS DAS CLASSES - 100,
200, 700, 800 E DEMAIS CLASSES QUE COMPÕEM O SIS-
TEMA DE CLASSIFICAÇÃO

Especificações	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	1958	1959	1960	1961	1962	TOTAL GERAL
Total Geral	1.772	2.682	3.366	3.391	3.259	3.212	3.392	3.389	3.640	3.058	2.948	2.666	36.775
Filosofia	17	11	20	41	29	28	50	44	31	21	34	25	351
Religião	124	168	177	271	260	226	150	149	162	123	194	131	2.135
Belas Artes	81	66	102	157	109	82	66	90	92	46	59	69	1.019
Literatura	313	336	448	467	458	595	523	634	689	553	501	467	5.984
Subtotal	535	581	747	936	856	931	789	917	974	743	788	692	9.489
Obras Gerais	84	150	141	146	165	157	138	173	200	185	129	174	1.822
Ciências Sociais	557	811	1.334	1.016	998	1.057	1.269	1.073	1.142	1.048	1.031	856	12.192
Filologia Lingüística	55	76	135	151	165	114	140	139	127	120	141	99	1.462
Ciências Exatas	46	132	162	145	147	140	206	185	318	245	231	203	2.160
Ciências Aplicadas	301	517	506	543	468	443	468	410	416	360	317	289	5.039
Biografia, Geografia, História	194	415	341	454	459	350	382	492	463	357	311	353	4.611
Subtotal	1.237	2.101	2.619	2.455	2.403	2.281	2.603	2.472	2.666	2.315	2.160	1.974	27.286

Fonte: Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional

8.4 - LEVANTAMENTO DO PRODUTO EDITORIAL DO
BOLETIM BIBLIOGRÁFICO EM 1974

Constituindo uma segunda etapa ao trabalho, realiza-se, também, no Boletim Bibliográfico, um levantamento no volume 19, números 1/4, 1974, de todas as classes do esquema de classificação, para comparação com o levantamento relativo ao período 1951/1962.

TABELA 2.6

PRODUÇÃO EDITORIAL - COMPARAÇÃO ENTRE O
PERÍODO 1951/1962 E O ANO DE
1974

CLASSES	ASSUNTOS	Nº DE TÍTULOS EM 1974	TOTAL GERAL DE TÍTULOS 1951/1962	MÉDIA ANUAL DE TÍTULOS 1951/1962
TOTAL GERAL		4.135	36.775	3.064,58
000	Obras Gerais	284	1.822	151,83
100	Filosofia	58	351	29,25
200	Religião	152	2.135	177,91
300	Ciências Sociais	1.640	12.192	1.016,00
400	Filologia Linguística	123	1.462	121,83
500	Ciências Puras	299	2.160	180,00
600	Ciências Aplicadas	273	5.039	419,91
700	Belas Artes	64	1.019	84,91
800	Literatura	895	5.984	498,66
900	História Geografia Biografia	346	4.611	384,25

Fonte: Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional

8.5 - APLICAÇÃO DA LEI DE ZIPF

Tentativa da aplicação das leis de Zipf, sobre as ocorrências de cabeçalhos de assuntos no período de 1951/1962.

O levantamento foi efetuado tendo como base os totais anuais constantes da Tabela 2.3, relativa ao registro da produção editorial, na qual estão arrolados os cabeçalhos das quatro classes analisadas.

No contexto de sua aplicação neste trabalho, as Leis de Zipf podem ser assim enunciadas:

1a. Lei: A ordenação decrescente do número de ocorrências de cada cabeçalho do assunto (cf. 11.1.3 e Tabela 2.7) referente às classes analisadas, é feita de acordo com a contagem efetuada, dispondo-se esses cabeçalhos em tabela na qual o primeiro é o mais frequente, o segundo é o segundo mais frequente e assim por diante.

2a. Lei: Completada a contagem das ocorrências dos cabeçalhos de assunto, verifica-se que os assuntos de maior número de série, e portanto de baixa frequência, ocorrem de tal modo que vários deles apresentam a mesma frequência. Esta é a chamada "lei do menor esforço".

A aplicação dessas leis, sobretudo da segunda, na verificação da produção editorial de 1951/1962 só viria a ser válida em se provando antes que a criação literária representada pela Poesia e pela Ficção (cf. Anexo 11.13) por exemplo, ou que a preparação de uma obra sobre Ética, são

mais fáceis do que a redação de uma obra sobre Móveis e Acessórios, assunto este que aparece apenas uma vez no período 1951/1962, enquanto os três citados aparecem 1.801, 1.582 e 134 vezes, respectivamente.

Por outro lado, há dados relevantes que deveriam ser levantados e pesquisados antes da aplicação definitiva e integral das Leis de Zipf à produção bibliográfica, a saber:

a) Consideração não apenas do número de títulos, mas também da tiragem de cada edição ou reimpressão, bem como do total de vendas;

b) A duração do impacto de uma obra sobre o público leitor;

c) Os fenômenos econômicos, políticos e sociais que influíram a curto, médio e longo prazo sobre a produção bibliográfica;

d) O tipo de publicação: manuais e tratados, livros, opúsculos.

A aplicação da 1a. e da 2a. Leis de Zipf aos totais das divisões de assuntos está no Anexo 11.1.3 e Tabela 2.7.

As divisões de assuntos das classes analisadas (cabeçalhos de assuntos) foram dispostas em ordem decrescente de ocorrências, Anexo 11.1.3, observando-se que o primeiro cabeçalho corresponde ao assunto com maior índice de registro do Depósito Legal de 1951/1962, o segundo cabeçalho

ao segundo com maior número de publicações registradas e assim por diante.

A ordem numérica dos cabeçalhos na relação de assuntos, Tabela 2.7, é denominada "ordem de série", indicada pela letra "R", correspondendo à primeira letra da palavra inglesa "rank". A "frequência" foi traduzida pela letra "F" (da palavra "frequency").

Quando dois ou mais cabeçalhos apresentaram a mesma frequência, a ordem de série foi obtida pela divisão da soma de suas ordens de série, pelo número de cabeçalhos a elas correspondentes. O número da ordem de série seguinte corresponde ao primeiro número que apareceria depois daquelas ordens de série dos cabeçalhos com a mesma frequência.

A ordem de série 16,5 da Tabela 2.7 por exemplo, corresponde à soma dos números 16 e 17 dividida por 2. O número 18 seguinte não foi objeto de soma.

O enunciado da Lei de Zipf traduz-se pela expressão seguinte: $R \times F = C$. Onde R, é a ordem de série, F corresponde à frequência e C é a constante num texto determinado.

Na Tabela 2.7, a equação acima foi aplicada aos totais de ocorrências referentes aos cabeçalhos de assuntos.

TABELA 2.7

ORDEM DE SÉRIE VERSUS FREQUÊNCIA DE CABEÇALHOS

Ordem de Série R	Numero de Cabeçalho:	Frequência F	Produto Total	R x F = C
1	1	1801	1801	1801
2	1	1582	1582	3164
3	1	1087	1087	3261
4	1	480	480	1920
5	1	458	458	2290
6	1	328	328	1968
7	1	317	317	2219
8	1	246	246	1968
9	1	212	212	1908
10	1	205	205	2050
11	1	177	177	1947
12	1	174	174	2088
13	1	139	139	1809
14	1	136	136	1904
15	1	134	134	2010
16,5	2	127	254	2095,5
18	1	120	120	2160
19	1	115	115	2185
20	1	95	95	1900
21,5	2	94	188	2021
23	1	82	82	1886
24	1	81	81	1944
25	1	76	76	1900
26	1	71	71	1846
27	1	70	70	1890
28	1	62	62	1736
29	1	61	61	1769
30	1	56	56	1680
31	1	53	53	1643
32	1	46	46	1472
33	1	45	45	1485
34	1	44	44	1496
35	1	43	43	1505
36	1	38	38	1368
37	1	37	37	1369
38	1	33	33	1254
39	1	25	25	975
40	1	23	23	920
41	1	19	19	779
42	1	18	18	756
43	1	17	17	731
45	3	15	45	675
47	1	13	13	611
48,5	2	11	22	533,5
52	5	10	50	520
55,5	2	8	16	444
58	3	7	21	406
60	1	6	6	360
63	5	5	25	315
67	3	4	12	268
70	3	3	9	210
75,5	8	2	16	151
82,5	6	1	6	82,5

Fonte: Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional

Analisando-se a contagem completa dos cabeçalhos de assuntos, Anexo - 11.1.3, observa-se que os assuntos com maior ordem de série, ou seja, com menor frequência, ocorrem de tal modo que vários deles apresentam a mesma frequência, comprovando-se assim a 2^a Lei de Zipf.

A frequência e a ordem de série no gráfico de curva foram transformadas em logarítimos que foi reduzido a centímetro. Anexo 11.3.2.

Na Tabela 2.8 foi apontado o número de cabeçalhos que ocorrem de uma a cinco vezes, de acordo com a variante de Booth.

TABELA 2.8
DADOS PARA APLICAÇÃO DA VARIANTE DE BOOTH
À LEI DO MENOR ESFORÇO DE ZIPF

ESPECIFICAÇÕES	EXPRES SÃO	TOTAL DE CABEÇALHOS
Cabeçalhos de ocorrência única	I ₁	6
Cabeçalhos que ocorrem 2 vezes	I ₂	8
Cabeçalhos que ocorrem 3 vezes	I ₃	3
Cabeçalhos que ocorrem 4 vezes	I ₄	3
Cabeçalhos que ocorrem 5 vezes	I ₅	5

Fonte: Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional

Na Tabela 2.9 apresentam-se as proporções relativas aos cabeçalhos da Tabela 2.8, relacionando-se o número de ocorrência com o total de cabeçalhos nas quatro classes escolhidas para análise.

O percentual expresso por I_1/D foi então calculado, levando-se em consideração que I_1 corresponde ao número de ocorrência única em cada uma das quatro classes e que D indica o número de cabeçalhos de assunto em cada classe - Tabela 2.9.

TABELA 2.9

PERCENTUAIS DE OCORRÊNCIA ÚNICA NAS 4 CLASSES

ESPECIFICAÇÕES	Nº DE CABEÇALHOS, D	CABEÇALHOS DE OCORRÊNCIA ÚNICA I_1	I_1/D
Filosofia	13	1	0,076
Religião	37	3	0,081
Belas Artes	24	2	0,083
Literatura	11	-	-

Fonte: Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional.

O mesmo processo foi utilizado para os cabeçalhos que ocorrem duas, três, quatro e cinco vezes. Tabelas 2.10/2.13.

TABELA 2.10

PERCENTUAIS DE CABEÇALHOS COM 2 OCORRÊNCIAS NAS 4 CLASSES

ESPECIFICAÇÕES	Nº DE CABEÇALHOS D	CABEÇALHOS QUE OCORREM 2 VEZES I ₂	I ₂ /D
Filosofia	13	-	-
Religião	37	3	0,081
Belas Artes	24	2	0,083
Literatura	11	-	-

Fonte: Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional.

TABELA 2.11

PERCENTUAIS DE CABEÇALHOS COM 3 OCORRÊNCIAS NAS 4 CLASSES

ESPECIFICAÇÕES	Nº DE CABEÇALHOS D	CABEÇALHOS QUE OCORREM 3 VEZES I ₃	I ₃ /D
Filosofia	13	2	0,153
Religião	37	-	-
Belas Artes	24	1	0,041
Literatura	11	-	-

Fonte: Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional.

TABELA 2.12

PERCENTUAIS DE CABEÇALHOS COM 4 OCORRÊNCIAS NAS 4 CLASSES

ESPECIFICAÇÕES	Nº DE CABEÇALHOS D	CABEÇALHOS QUE OCORREM 4 VEZES, I ₄	I ₄ /D
Filosofia	13	1	0,076
Religião	37	-	-
Belas Artes	24	2	0,083
Literatura	11	-	-

Fonte: Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional.

TABELA 2.13

PERCENTUAIS DE CABEÇALHOS COM 5 OCORRÊNCIAS NAS 5 CLASSES

ESPECIFICAÇÕES	Nº DE CABEÇALHOS D	CABEÇALHOS QUE OCORREM 5 VEZES, I ₅	I ₅ /D
Filosofia	13	1	0,076
Religião	37	3	0,081
Belas Artes	24	2	0,083
Literatura	11	-	-

Fonte: Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional.

8.6 - LEVANTAMENTO ESPECÍFICO NO ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL

Pare verificar o possível percentual de cumprimento da Legislação do Depósito Legal, foram analisados, também os volumes do Anuário Estatístico do Brasil, relativos aos anos de 1951/1957, 1959/1964, nas rubricas; a) Propriedade Intelectual: Registro de Obras na Biblioteca Nacional, Registro de Obras na Escola Nacional de Belas Artes e Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e b) Difusão Bibliográfica Livros e Folhetos Editados no País.

8.6.1 - Propriedade Intelectual

8.6.1.1 - Biblioteca Nacional

Registro realizado somente até o ano de 1959. Para enriquecimento do trabalho e obtenção de dados relativos aos anos de 1961/1962, foram feitas projeções para os totais de títulos em relação aos outros, segundo o processo dos mínimos quadrados. Pelos dados expostos verifica-se que o número de registro foi crescente em relação ao ano de 1959.

Verifica-se também que nesta rubrica, a não ser o assunto Literatura, os demais não foram discriminados, aparecendo englobados em cabeçalhos como:

FILOSOFIA, MORAL E RELIGIÃO

BELAS ARTES E ARTES TÉCNICAS

POESIA E POEMAS MUSICAIS

PEÇAS DE TEATRO, RADIOTEATRO E TELEVISÃO

CONTOS E NOVELAS

Constata-se ainda que o assunto POESIA e POEMAS MUSICAIS, a partir do ano XXI, 1960, passou a figurar sob o título POEMAS e que o assunto CINEMA, foi omitido a partir de 1959, ano XX, da rubrica: PEÇAS DE TEATRO, RADIOTEATRO, CINEMA E TELEVISÃO, Tabela 2.14.

TABELA 2.14

PROPRIEDADE INTELECTUAL - REGISTRO DE OBRAS NA BIBLIOTECA NACIONAL, 1951 / 1962

ANOS	ASSUNTOS	NUMERO DE TITULOS	TOTAL DE TITULOS	TOTAL DE PUBLICAÇÕES REGISTRADAS
1951	Literatura	23	121	261
	Filosofia, Moral, Religião	23		
	Belas Artes e Artes Técnicas	8		
	Poesias e Poemas Musicais	27		
	Peças de teatro, Rádio-teatro e Cinema	37		
	Contos e Novelas	3		
1952	Literatura	24	160	316
	Filosofia, Moral, Religião	24		
	Belas Artes e Artes Técnicas	12		
	Poesias e Poemas Musicais	39		
	Peças de teatro, Rádio-teatro e Cinema	45		
	Contos e Novelas	6		
1953	Literatura	57	196	499
	Filosofia, Moral, Religião	10		
	Belas Artes, Artes Técnicas	3		
	Poesias, Poemas Musicais	45		
	Peças de teatro, Rádio-teatro e Cinema	53		
	Contos e Novelas	28		
1954	Literatura	57	205	325
	Filosofia, Moral, e Religião	19		
	Belas Artes e Artes Técnicas	3		
	Poesias e Poemas Musicais	45		
	Peças de teatro, Rádio-teatro, Cinema e Televisão	53		
	Contos e Novelas	28		
1955	Literatura	27	156	348
	Filosofia, Moral, Religião	28		
	Belas Artes e Artes Técnicas	15		
	Poesias e Poemas Musicais	34		
	Peças de teatro, Rádio-teatro e Cinema	39		
	Contos e Novelas	13		
1956	Literatura	28	224	429
	Filosofia, Moral e Religião	29		
	Belas Artes e Artes Técnicas	21		
	Poesias e Poemas Musicais	48		
	Peças de teatro, Rádio-teatro, Cinema e Televisão	59		
	Contos e Novelas	39		
1957	Literatura	38	201	464
	Filosofia, Moral e Religião	34		
	Belas Artes e Artes Técnicas	19		
	Poesias e Poemas Musicais	42		
	Peças de teatro, Rádio-teatro e Televisão	46		
	Contos e Novelas	22		
1958	Literatura	54	266	622
	Filosofia, Moral e Religião	37		
	Belas Artes e Artes Técnicas	24		
	Poesias e Poemas Musicais	41		
	Peças de teatro, Rádio-teatro e Televisão	86		
	Contos e Novelas	24		
1959	Literatura	33	153	359
	Filosofia, Moral e Religião	25		
	Belas Artes e Artes Técnicas	11		
	Peças	28		
	Peças de teatro, Rádio-teatro e Televisão	39		
	Contos e Novelas	11		
1960			229	491
1961			239	564
1962			245	483

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil

8.6.1.2 - Escola Nacional de Belas Artes

Os assuntos registrados no campo de interesse deste trabalho, são os seguintes:

ESTAMPAS E GRAVURAS

FILMES

CERÂMICAS

DESENHO

Como no caso anterior, apresentou lacunas. Os assuntos relacionados sô foram discriminados até o ano XXI, 1960, com dados relativos aos anos de 1957/1959.

A partir daquela data, registraram-se apenas os totais das publicações. Para obtenção dos totais anuais de títulos dos assuntos referentes às classes 100, 200, 700 e 800, foram feitas projeções, baseadas no processo dos mínimos quadrados, obtendo-se respectivamente 58,63 e 68 número de títulos. Tabela 2.15.

TABELA 2.15

PROPRIEDADE INTELECTUAL - REGISTRO DE OBRAS NA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES, 1951 / 1962

ANOS	ASSUNTOS	NÚMERO DE TÍTULOS	TOTAL DE TÍTULOS	TOTAL DE PUBLICAÇÕES REGISTRADAS
1951	Filmes Desenho	2 <u>20</u>	22	23
1952	Estampas e Gravuras Filmes Desenho	4 2 <u>8</u>	14	16
1953	Estampas e Gravuras Filmes Desenho	1 3 <u>21</u>	25	28
1954	Estampas e Gravuras Filmes Cerâmica Desenho	2 1 3 <u>19</u>	25	29
1955	Estampas e Gravuras Filmes Cerâmica Desenho	6 2 3 <u>18</u>	29	34
1956	Estampas e Gravuras Filmes Cerâmica Desenho	6 2 8 <u>50</u>	66	68
1957	Estampas e Gravuras Filmes Cerâmica Desenho	5 4 2 <u>32</u>	43	49
1958	Estampas e Gravuras Filmes Cerâmica Desenho	4 1 3 <u>17</u>	25	34
1959	Estampas e Gravuras Filmes Cerâmica Desenho	9 4 8 <u>41</u>	62	77
1960			58	66
1961			63	97
1962			68	119

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil

8.6.1.3 - Sociedade Brasileira de Autores Teatrais: Autores de peças registradas para garantias de direitos autorais.

Verifica-se que esta rubrica menciona apenas o total de publicações, tendo sido interrompida em 1960, ano XXI, com dados relativos aos anos de 1957/1959.

Como nos casos precedentes, para obtenção de dados não incluídos no período de 1960/1962, fez-se uma projeção segundo o processo dos mínimos quadrados, obtendo-se para aqueles anos, 246, 248 e 251 números de títulos. Tabela 2.16.

TABELA 2.16

PROPRIEDADE INTELECTUAL - REGISTRO DE OBRAS NA SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS, 1951/1962

A N O S	TOTAL DE PUBLICAÇÕES
1951	154
1952	230
1953	286
1954	316
1955	225
1956	263
1957	112
1958	313
1959	207
1960	246
1961	248
1962	251

8.6.1.4 - Propriedade Intelectual: Total de Publicações nas Classes 100, 200, 700 e 800.

Feitas as projeções para as lacunas existentes nos registros de obras na Biblioteca Nacional, Escola Nacional de Belas Artes e Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, e, conseqüentemente, o somatório dos três registros, os dados foram dispostos em forma tabelar, a fim de se fazer um cotejamento desses dados da Tabela 2.17, com os registrados no Boletim Bibliográfico - Tabela 2.2, e traçar o gráfico de curva 11.3.3.

TABELA 2.17

PROPRIEDADE INTELECTUAL: TOTAL DE PUBLICAÇÕES REGISTRADAS NAS CLASSES: 100, 200, 700 e 800

A N O S	T O T A I S
1951	297
1952	404
1953	471
1954	546
1955	410
1956	553
1957	356
1958	604
1959	422
1960	533
1961	550
1962	567

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil.

8.6.2 - Difusão Bibliográfica: Livros e Folhetos Editados

No mesmo período, para estudo comparativo, efetua-se um outro arrolamento no Anuário Estatístico do Brasil, na rubrica acima mencionada.

Como nos anos anteriores, foram feitas projeções baseadas nos processos dos mínimos quadrados, para os anos de 1951/1954, uma vez que a rubrica Difusão Bibliográfica: Livros e Folhetos Editados, só começa a figurar no Anuário Estatístico do Brasil, a partir de 1956, ano XVII, com dados relativos a 1955. Em seguida os totais de publicações foram transformados em logarítmicos e feita a transformação para centímetros. Tabela. 2.18.

Estabeleceu-se então a comparação de frequência de registro da Tabela 2.18, Difusão Bibliográfica: Livros e Folhetos Editados, com a Tabela 2.2 - Publicações Registradas no Depósito Legal, 1951/1962. Anexo 11.3.4.

TABELA 2.18

DIFUSÃO BIBLIOGRÁFICA: LIVROS E FOLHETOS EDITADOS, 1951/1962

ANOS	ASSINIOS	NÚMERO DE TÍTULOS	TOTAL DE PUBLICAÇÕES
1951	Filosofia Religião Artes Literatura		1.929
1952	Filosofia Religião Artes Literatura		1.846
1953	Filosofia Religião Artes Literatura		1.761
1954	Filosofia Religião Artes Literatura		1.677
1955	Filosofia Religião Artes Literatura	62 464 102 <u>752</u>	1.386
1956	Filosofia Religião Artes Literatura	132 544 171 <u>628</u>	1.775
1957	Filosofia Religião Artes Literatura	100 504 135 <u>821</u>	1.560
1958	Filosofia Religião Artes Literatura	74 526 177 <u>923</u>	1.750
1959	Filosofia Religião Artes Literatura	64 251 65 <u>449</u>	829
1960	Filosofia Religião Artes Literatura	51 252 140 <u>362</u>	815
1961	Filosofia Religião Artes Literatura	26 213 68 <u>341</u>	648
1962	Filosofia Religião Artes Literatura	88 514 41 <u>973</u>	1.626

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil

8.7 - LEVANTAMENTOS DE PERIÓDICOS

A inclusão do registro da produção editorial de Periódicos seria dado relevante neste trabalho. Entretanto-

to, feito o respectivo levantamento, verifica-se a repetição de grande número de títulos nos volumes pesquisados, correspondentes ao período de 1951/1962. Assim, os dados estatísticos resultantes não estariam indicando apenas títulos novos, mas, também, títulos repetidos.

A inserção dos Periódicos demandaria, ainda, a análise de cada título para averiguação de sua continuidade, bem como do tipo de informações por eles divulgadas.

Assim procedendo, poder-se-ia obter o espelho da situação real desse gênero de publicação, pois a apreciação preliminar efetuada nos títulos registrados mostra que a produção de razoável número dessas publicações é irrelevante.

9 - RESULTADOS

9.1 - ANÁLISE DAS TABELAS

Examinando a Tabela 2.2 - Publicações Registradas no Depósito Legal no Período de 1951/1962, verifica-se que o índice máximo de registro da produção intelectual nos assuntos Filosofia, Religião, Belas Artes e Literatura, através do Depósito Legal, ocorre em 1959, quando a Literatura apresentou seu maior índice de registro em relação aos outros anos, com 689 títulos; seguindo-se Religião em 1954, com 271 títulos; Belas Artes com 109 em 1955; e finalmente,

Filosofia, com 50 títulos em 1957. Sendo a produção total do período mencionado acima de 9.489 títulos.

Analisando a Tabela 2.3, constata-se que a Literatura apresenta maior índice de registro no Depósito Legal no período de 1951/1962, com 5.984, destacando-se nesse assunto, a poesia e em seguida, a ficção. Seguindo-se na ordem decrescente dos quatro grandes assuntos, Religião com o montante na ordem de 2.135 títulos, Belas Artes com 1.019 e Filosofia apenas, com 351 títulos,

Tabelas 2.4 e 2.5 - Os assuntos das classes 100, 200, 700 e 800 perfazem um total de 9.489 títulos, enquanto que as demais classes, 000, 300, 400, 500, 600 e 900, atingem a 27.286 títulos, perfazendo o total de 36.775 sendo a porcentagem dos assuntos da Dissertação de 25,18%.

A observação da Tabela 2.6, referente ao ano de 1974, leva às seguintes indicações:

a) O total anual das classes 000, 100, 300, 400 500 e 800 foi superior à média anual dos mesmos assuntos registrados no período 1951/1962;

b) O total anual das classes 200, 600, 700, 900, foi inferior à média anual dos mesmos assuntos registrados no período 1951/1962;

c) O aumento da produção relativa às classes 300 e 800 foi o mais significativo;

d) O decréscimo do registro pertinente à classe 600 também é expressivo.

As ilações decorrentes dessa análise, no entanto, só poderão ser devidamente apreciadas em se efetuando os levantamentos referentes a 1973/1975 para, por meio do processo dos mínimos quadrados, obter-se as projeções referentes a 1973/1984, período que cobriria então o mesmo número de anos que o período analisado neste trabalho. Essas projeções no entanto, poderiam não vir a representar realmente a produção bibliográfica do período 1973/1984.

A Tabela 2.7 possibilita a observação do número de cabeçalhos com maior e menor frequência, bem como indica quais as frequências que se repetem em mais de um cabeçalho. Nota-se, ainda, que há 6 assuntos com apenas um título publicado no período e 8 assuntos com 2 títulos publicados.

Na Tabela 2.8 foram relacionados os totais de cabeçalhos que ocorrem de 1 a 5 vezes, nas classes 100, 200, 700 e 800.

As Tabelas 2.9 a 2.13 apresentam, para fim ilustrativo, as proporções relativas às ocorrências dos cabeçalhos de 2 a 5 vezes, nas classes analisadas neste trabalho. O ponto a observar nas Tabelas 2.9, 2.10, 2.12 e 2.13 é a manutenção bastante uniforme dos percentuais pela divisão do número de ocorrências em cada classe, pelo número de cabeçalhos também de cada classe. A Tabela 2.11 foge porém à uniformidade apresentando, em seus dois percentuais o maior e menor totais.

Na Tabela 2.14 - Propriedade Intelectual - Registro de Obras na Biblioteca Nacional, 1951/1962, realiza-se para enriquecimento do trabalho e preenchimento das lacunas existentes, referentes aos anos de 1960, 1961 e 1962, cu

jos índices foram respectivamente de 229, 239 e 248, projeções segundo o processo dos mínimos quadrados. Chegando-se à conclusão que o índice de registro foi crescente, exceto em relação aos anos de 1958, com 266 títulos.

Tabela 2.15 - Propriedade Intelectual - Escola Nacional de Belas Artes, 1951/1962.

A projeção feita para 1960 com 58 títulos foi crescente em relação aos anos anteriores, exceto para os anos de 1956 e 1959, cujos índices foram respectivamente de 66 e 62 títulos. Em 1961 com 63 títulos, apresenta-se crescente com relação aos anos anteriores, exceto para o ano de 1956, cuja incidência de registro já foi mencionada acima e 1962, com 68 títulos. Para os demais anos, apresenta-se crescente.

Tabela 2.16 - Propriedade Intelectual - Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, 1951/1962.

Foram feitas projeções para os anos de 1960, 1961, 1962, baseados nos processos dos mínimos quadrados. As projeções foram crescentes em relação aos anos anteriores, exceto com relação a 1953, 1954, 1956 e 1958.

A Tabela 2.17 é o resultado do somatório das Tabelas 2.14, 2.15 e 2.16, podendo-se assim observar o total de registro da Propriedade Intelectual da Biblioteca Nacional, na Escola Nacional de Belas Artes e na Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. Os dados foram dispostos em forma tabular, a fim de se fazer um cotejamento destes com os do Boletim Bibliográfico, resultando o gráfico de curva-Anejo 11.3.3.

Analisando a Tabela mencionada acima, constatamos que houve elevações nos anos de 1951/1954, decréscimo em 1955, elevação em 1956, novo decréscimo em 1957, nova elevação em 1958, decréscimo em 1959, e elevações nos anos de 1961/1962.

Tabela 2.18 - Difusão Bibliográfica: Livros e Folhetos Editados. Fez-se projeções para os anos de 1951/... 1954, baseadas nos processos dos mínimos quadrados, projeções estas referentes unicamente à soma dos totais dos quatro assuntos Filosofia, Religião, Belas Artes e Literatura, deixando-se de projetar cada um dos assuntos isoladamente, o que pode ser verificado pela Tabela em análise. Assim foi feito porque o interesse reside apenas no estudo comparativo entre os resultados desta Tabela, com os apresentados na Tabela 2.2.

Em seguida, os totais anuais da Tabela 2.18 foram transformadas em logarítimos e feita a transformação para centímetros a fim de se traçar o gráfico de curva do Anexo 11.3.4.

Pela análise desta Tabela, constata-se que os índices de registro referentes aos anos de 1951 e 1952, respectivamente, com 1.929 e 1.846 títulos foram crescentes em relação a todos os anos e em relação a 1953, com 1.761 títulos, a projeção foi crescente em relação aos demais anos, exceto para 1956. Em 1954, com 1.677 títulos, a projeção apresenta-se também crescente exceto para os anos de 1956 a 1958, com 1.775 e 1.750 títulos, respectivamente.

9.2 - ANÁLISE DOS GRÁFICOS EM COLUNAS

Os Gráficos em colunas foram projetados em escala aritmética.

Os dados da Tabela 2.2, analisados, resultaram nos Gráficos em Colunas, Anexos 11.2.1/11.2.4, sobre os quais foram feitas observações indicadas em seguida:

a) O registro da produção editorial nos quatro campos indica:

	Máximo	Mínimo
Filosofia	1957	1952
Religião	1954	1960
Belas Artes	1954	1960
Literatura	1959	1961

b) O Anexo 11.2.1 - Produção Editorial em Filosofia, mostra um decréscimo em 1952 com relação à 1951, aumento de 1953 a 1954, decréscimo de 1955 a 1956 e ápice em 1957; outro decréscimo de 1958 a 1960, elevação em 1961 e, finalmente, novo decréscimo em 1962.

c) O registro da produção editorial referente a Religião, Anexo 11.2.2, mostra que houve ascensão de 1951 a 1954, seguida de um decréscimo de 1955 a 1958. Há ligeiro aumento em 1959, nova baixa em 1960, aumento em 1961 e decréscimo em 1962.

d) Em Belas Artes, Anexo 11.2.3, o gráfico indica que a produção editorial teve uma diminuição em 1952, em relação a 1951, logo seguida por uma ascensão em 1953 e pelo ápice em 1954, decréscimo em 1955 a 1957, aumento de 1958 a

1959, baixa em 1960, elevação em 1961 a 1962.

e) O Gráfico referente ao registro da produção editorial em Literatura, Anexo 11.2.4, mostra uma ascensão de 1951 a 1954, seguida de uma baixa em 1955, de nova elevação em 1956, decréscimo em 1957, nova elevação em 1958 e 1959, e novamente uma baixa de 1960 a 1962.

f) Os gráficos indicam, também, que a Literatura apresenta maior produção editorial. Foi a Literatura seguida respectivamente, pela Religião, Belas Artes e finalmente, pela Filosofia.

g) O máximo de registro da produção editorial em Religião e Belas Artes foi observado no mesmo ano, 1954 e o mínimo de registro em ambas, também foi verificado no ano de 1960.

Finalmente, tendo em vista algumas oscilações aparentemente inexplicáveis, procurou-se no próprio Boletim uma possível justificativa, tendo-se observado que em todos os anos há referenciação de publicações editadas em anos anteriores.

9.3 - ANÁLISE DOS GRÁFICOS DE CURVA

A Análise da curva, Anexo 11.3.1 - Ocorrência do Depósito Legal em Filosofia, Religião, Belas Artes e Literatura, 1951/1962, foi baseada nos dados da Tabela 2.3. Devido a dispersão dos mesmos trabalhou-se com escala logarítmica

ca. No gráfico tem-se uma visão da produção nos quatro assuntos acima mencionados, salientando-se a Literatura, seguida pela Religião, Belas Artes e, finalmente, Filosofia o que confirma a segunda hipótese desta Dissertação. Por outro lado, o elevado número de obras de Religião decorre de um fenômeno universal, desencadeado por movimentos místicos, "despertar de mágicos", reforma litúrgica, etc.

Na curva de Zipf, Anexo 11.3.2, analisaram-se com os dados relativos à ordem de frequência, de cujos valores numéricos foram estabelecidos os logarítmos, que foram transformados em 5 cm. Em seguida, traçaram-se duas coordenadas, uma partindo do eixo correspondendo à ordem da classe e outra, partindo do eixo da frequência.

Foram achados assim 53 pontos de encontro entre as duas coordenadas que serviam de base para o traçado da curva. Foram colocados na curva os logarítmos máximos, em virtude dos mesmos estarem bastante próximos.

O Anexo 11.3.3 - Estudo comparativo entre as Tabelas 2.2 e 2.17. Para o traçado da curva fez-se um corte na escala a fim de que o gráfico apresente melhor configuração estética. O gráfico evidencia maior frequência em relação ao Depósito Legal.

Quanto às ocorrências de registro, o Boletim Bibliográfico apresenta elevações de 1951/1954, decréscimo em 1955, elevação em 1956, baixa em 1957, novas elevações em 1958/1959, novo decréscimo em 1960, acréscimo em 1961 e decréscimo em 1962.

No Anexo 11.3.4 - Estudo Comparativo entre a Difusão Bibliográfica: Livros e Folhetos Editados, Tabelas

2.18 e as publicações Registradas no Depósito Legal, 1951/.. 1962, Tabela 2.2. Em virtude da diversidade dos dados apresentados, a curva foi traçada em escala logarítmica. O índice de registro pelo Anuário Estatístico do Brasil foi maior do que o apresentado pelo Boletim Bibliográfico, exceto nos anos de 1959 a 1961.

10 - CONCLUSÕES

10.1 - O Método, que se mostrou válido ao trabalho de Zoltovski, apresentou deficiências decorrentes das lacunas no registro da produção bibliográfica nacional;

10.2 - Os dados levantados demonstram que não houve uniformidade crescente ou decrescente no período 1951/1962 quanto à produção bibliográfica registrada no Boletim Bibliográfico.

10.3 - A comparação entre o registro efetuado em virtude do Depósito Legal e o registro constante do Anuário Estatístico do Brasil indica diferenças acentuadas;

10.4 - Há necessidade do estabelecimento de normas que permitam a integração dos dados obtidos através do Depósito Legal e do registro efetuado através dos dados estatísticos da Fundação IBGE.

10.5 - É válida a aplicação das Leis de Zipf para o estudo da produção bibliográfica, desde que efetuados os levantamentos relativos às edições, à tiragem de cada edi

ção ou reimpressão, ao total de vendas, à duração do impacto de uma obra sobre o público leitor, aos fenômenos econômicos políticos/sociais que influíram a curto, médio e longo prazo sobre a produção bibliográfica, ao tipo de publicação (avulsa, periódica, seriada, semi-impressa, etc.). Tais levantamentos, entretanto, são impossíveis de realizar no Brasil, em face das deficiências que ainda ocorrem no registro da bibliografia nacional, tanto corrente como retrospectiva.

11 - ANEXOS

11.1 - RELAÇÕES

11.1.1 - Símbolos de Classificação - Filosofia

- 100 Filosofia
- 101 Estética
- 109 Filosofia - História
- 110 Metafísica
- 123 Liberdade (Filosofia)
- 140 Sistemas Filosóficos
- 144 Humanismo
- 146 Positivismo
- 160 Lógica
- 170 Ética
- 180 Filosofia Antiga, Oriental e Clássica
- 189 Tomismo
- 190 Filosofia Moderna

11.1.1 - Símbolos de Classificação - Religião

- 200 Religião
- 201 Mitologia
- 207 Seminários Religiosos
- 212 Panteísmo, Teosofia
- 215 Religião e Ciência
- 220 Bíblia
- 230 Teologia Dogmática
- 231 Doutrina Relativa a Deus
- 231.7 Milagres

232	Cristologia
232.93	Virgem Maria
233	Homem
234	Salvação
234.235	Santos
238	Catecismo
239	Apologética
240	Teologia Moral
242.244	Prática Religiosa
245	Hinos
250	Teologia Pastoral
253	Vida Sacerdotal
254	Administração Eclesiástica
261	Igrejas e Problemas Sociais
262.5	Concílios
264/265	Liturgia
266	Missões
267	Associações Religiosas
268	Educação Religiosa
269	Evangelização
270	História da Igreja
271	Ordens Religiosas
272	Perseguições Religiosas
280	Igrejas e Seitas Cristãs
280.9	Igreja Ortodoxa
282	Igreja Católica
284/289	Igrejas Protestantes
290	Religiões Diversas

11.1.1 - Símbolos de Classificação - Belas Artes

700	Belas Artes
704.948	Artes Religiosas

708	Catálogos de Exposições
109.81	Belas Artes - Brasil
711	Urbanismo
719	Patrimônio Nacional - Preservação
720	Arquitetura
730	Escultura
737	Numismática
738	Cerâmica
740	Desenho
740/760	Cartazes
745	Arte Popular e Artes Aplicadas
747	Decoração
749	Móveis e Acessórios
750/760	Estampas
750	Pintura
760	Gravuras
770	Fotografia
791	Rádio
792	Cinema
792.8	Balé
793	Danças

11.1.1 - Símbolos de Classificação - Literatura

800	Literatura
B869	Literatura Brasileira
B869.1	Literatura Brasileira - Poesia
B869.2	Literatura Brasileira - Teatro
B869.3	Literatura Brasileira - Ficção
B869.4	Literatura Brasileira - Ensaios
B869.5	Literatura Brasileira - Oratória
B869.6	Literatura Brasileira - Epistolografia

- B869.7 Literatura Brasileira - Sátira e Humor
B869.8 Literatura Brasileira - Miscelânea
B869.9 Literatura Brasileira - História e Crítica

11.1.2 - Cabeçalho de Assuntos - Filosofia

FILOSOFIA

100 (Filosofia)

ESTÉTICA

101 (Estética)

FILOSOFIA-HISTÓRIA

109 (Filosofia-História)

METAFÍSICA

110 (Metafísica)

110 (Ontologia)

LIBERDADE (FILOSOFIA)

123 (Liberdade (Filosofia))

SISTEMA FILOSÓFICOS

140 (Sistemas Filosóficos)

HUMANISMO

144 (Humanismo)

POSITIVISMO

146 (Positivismo)

LÓGICA

160 (Lógica)

ÉTICA

170 (Ética)

170 (Ética Sexual)

170 (Moral)

FILOSOFIA ANTIGA, ORIENTAL E CLÁSSICA

180 (Filosofia Antiga)

- 180 (Filosofia Antiga e Oriental)
 180 (Filosofia Clássica)
 181.45 (Ioguismo)
 TOMISMO
 189 (Tomismo)
 FILOSOFIA MODERNA
 190 (Filosofia e Filósofos Modernos)
 190 (Filosofia Moderna)

11.1.2 - Cabeçalhos de Assuntos - Religião

Os asterisco indica, sob um cabeçalho único, a presença de símbolos de classificação que fugiram à ordem de classificação.

RELIGIÃO

- 200 (Religião)

MITOLOGIA

- 201 (Mitologia)

SEMINÁRIOS RELIGIOSOS

- 207 (Seminários)
 207 (Seminários Religiosos)

PANTEÍSMO TEOSOFIA

- 212 (Panteísmo)
 212 (Religião Natural. Panteísmo)
 212 (Teosofia)

RELIGIÃO E CIÊNCIA

- 215 (Religião e Ciência)

BÍBLIA

- 220 (Bíblia)
 220.92 (Personagens Bíblicos)
 223 (Novo Testamento)

TEOLOGIA DOGMÁTICA

230 (Teologia Dogmática)

DOCTRINA RELATIVA A DEUS

231 (Doutrina Relativa a Deus)

MILAGRES

231.7 (Milagres)

CRISTOLOGIA

232 (Cristologia)

232.9 (Vida de Cristo)

VIRGEM MARIA

232.93 (Virgem Maria)

232.931 (Virgem Maria. Aparições)

HOMEM

233 (Doutrina Relativa ao Homem)

233 (Homem Natural e Espiritual. Pecado)

233.2 (Pecado)

SALVAÇÃO

234 (Doutrina Relativa a Salvação)

234 (Graça, Fé)

234 (Salvação)

SANTOS

234.235 (Doutrina Relativa a Salvação dos Santos)

235 (Santos)

CATECISMO

238 (Catecismo)

238 (Catecismo e Ensino Religioso)

APOLOGÉTICA

239 (Apologética)

TEOLOGIA MORAL

240 (Teologia Moral)

240 (Teologia Moral, Devoções)

240 (Teologia Devocional)

PRÁTICA RELIGIOSA

- 242/244 (Meditação e Prática Religiosa)
- 242 (Prática Religiosa)
- 242 (Prática Religiosa, Meditações)
- 242.8 (Devoções Especiais)
- *248 (Devoções)
- *248 (Prática Religiosa)
- *248 (Religião Pessoal. Devoções)

HINOS

- 245 (Hinos)
- 245 (Hinos e Cânticos Religiosos)

TEOLOGIA PASTORAL

- 250/252 (Teologia Pastoral)
- 250 (Teologia Pastoral. Sermões)
- 250 (Administração e Pregação Religiosa)
- 251 (Homilética)
- 251 (Oratória Sagrada)
- 252 (Sermões)

VIDA SACERDOTAL

- 253 (Vida Sacerdotal)

ADMINISTRAÇÃO ECLESIÁSTICA

- 254 (Administração Eclesiástica)
- 254 (Bens Eclesiásticos)
- 254 (Organização Eclesiástica)
- *262 (Organização Eclesiástica)

IGREJA E PROBLEMAS SOCIAIS

- 260 (Teologia Social. Sacramentos)
- 261 (Igrejas e Problemas Sociais)
- 261 (Sociologia Cristã)
- 261 (Teologia Social)
- 261 (Teologia Social Cristã)

CONCÍLIOS

- 262.5 (Concílio)

LITURGIA

- 264/265 (Liturgia. Sacramentos)
- 264/265 (Liturgia. Missa. Sacramentos)
- 264/265 (Liturgia e Ritual. Oração e Missa)
- 264/265 (Missa. Sacramentos)
- 264 (Liturgia)
- 264 (Liturgia. Sacramentos. Missa)
- 264 (Missa. Oração)
- 264.02 (liturgia Católica)
- 264.025 (Missal)
- 265 (Sacramentos. Missa)
- 265.8 (Assistência Religiosa)

MISSÕES

- 266 (Missões)

ASSOCIAÇÕES RELIGIOSAS

- 267 (Associações Religiosas)

EDUCAÇÃO RELIGIOSA

- 268 (Educação Religiosa)
- 268 (Ensino Religioso)
- 268 (Ensino Religioso, Administração)
- 268 (Escolas Dominicais)
- 268 (Instituição Religiosa Primária)

EVANGELIZAÇÃO

- 269 (Evangelização)

HISTÓRIA DA IGREJA CRISTÃ

- 270 (História da Igreja)
- 270 (História da Igreja Cristã)
- 270.2 (Cristianismo. História)
- *274/279 (Cristianismo. História e Influência)
- *274/279 (Cristianismo no Mundo)

ORDENS RELIGIOSAS

- 271 (Congregações e Ordens Religiosas. Vocações)
- 271 (Ordens Religiosas)

PERSEGUIÇÕES RELIGIOSAS

272 (Perseguições Religiosas)

IGREJAS E SEITAS CRISTÃS

280 (Igrejas Cristãs)

280 (Igrejas e Seitas Cristãs)

280 (Seitas Cristãs Diversas)

IGREJA ORTODOXA

281.9 (Igreja Ortodoxa)

IGREJA CATÓLICA

282 (Catolicismo)

282 (Igreja Católica)

282 (Igreja Católica - História)

IGREJAS PROTESTANTES

284/289 (Igrejas Protestantes)

284 (Seitas Protestantes)

284 (Protestantismo. Seitas Protestantes)

286 (Igreja Batista e Outras Seitas Cristãs)

286 (Seitas Cristãs)

289 (Outras Seitas Cristãs)

RELIGIÕES DIVERSAS

290 (Religiões Diversas)

294.1 (Vedismo)

296.3 (Israel. Religião)

11.1.2 - Cabeçalhos de Assuntos - Belas Artes

BELAS ARTES

700 (Belas Artes)

ARTE RELIGIOSA

704.948 (Arte Religiosa)

BELAS ARTES - BRASIL

709.81 (Belas Artes - Brasil)

URBANISMO

711 (Problemas Urbanos. Moradia)

711 (Urbanismo)

PATRIMÔNIO NACIONAL - PRESERVAÇÃO

719 (Patrimônio Nacional - Preservação)

ARQUITETURA

720 (Arquitetura)

720 (Arquitetura. Escultura)

720 (Arquitetura. Prédios Públicos)

ESCULTURA

730 (Escultura. Cerâmica)

730 (Escultura)

NUMISMÁTICA

737/738 (Numismática. Cerâmica)

737 (Numismática)

CERÂMICA

738 (Cerâmica)

DESENHO

740 (Desenho)

740 (Desenho. Arte Decorativa)

740 (Desenho. Decoração)

CARTAZES

740/760 (Cartazes)

ARTE POPULAR E ARTES APLICADAS

745 (Arte Popular)

745 (Artes Aplicadas)

DECORAÇÃO

747 (Decoração)

MÓVEIS E ACESSÓRIOS

749 (Móveis e Acessórios)

ESTAMPAS

750/760 (Estampas)

PINTURA

750 (Pintura)

GRAVURAS

760 (Gravuras)

FOTOGRAFIA

770 (Fotografia)

RÁDIO

791 (Rádio)

CINEMA

792 (Cinema)

BALÉ

792.8 (Balé)

DANÇAS

793.3 (Danças)

793.31 (Danças Nacionais e Folclóricas)

11.1.2 - Cabeçalhos de Assuntos - Literatura

800 (Literatura)

800 (Literatura. Compêndios)

801.9 (Crítica Literária)

806 (Congressos Literários)

807 (Literatura. Estudo e Ensino)

808 (Coleções e Miscelâneas Literárias)

808 (Coleções Literárias)

808 (Composição Literária)

808 (Composição Literária. Retórica)

808.1 (Literatura. Poesia)

808.1 (Arte Poética)

808.2 (Drama)

- 808.22 (Novelas Radiofônicas)
 - 808.22 (Programas de Rádio)
 - 808.22 (Programas de Rádio e TV)
 - 808.23 (Argumentos Cinematográficos)
 - 808.23 (Argumentos Cinematográficos)
 - 808.25 (Drama Religioso)
 - 808.4 (Ensaaios)
 - 808.4 (Ensaaios, Conferências, etc.)
 - 808.4 (Literatura-Ensaaios)
 - 808.5 (Oratória)
 - 808.4 (Literatura-Ensaaios)
 - 808.5 (Oratória)
 - 808.5 (Oratória. Debates. Discussões)
 - 808.5 (Oratória. Técnica)
 - 808.5 (Retórica)
 - 808.7 (Humanismo)
 - 808.8 (Coleções Literárias)
 - 808.8 (Coleções e Miscelêneas Literárias)
 - 808.8 (Miscelânea)
 - 808.85 (Literatura Popular.Ficção)
 - 808.9 (Literatura. História)
 - 809 (Literatura, História, Crítica e Ensaaios)
- LITERATURA BRASILEIRA
- B869 (Literatura Brasileira)
 - B869.06 (Academias Literárias Brasileiras)
 - B869.06 (Instituições Literárias Brasileiras)
 - B869.06 (Instituições Literárias e Culturais)
 - B869.06 (Literatura Brasileira-Academia de Letras)
 - B869.08 (Literatura Popular Brasileira)
 - B869.09 (Literatura Brasileira)
 - B869.09 (Literatura Brasileira - História e Crítica)
- LITERATURA BRASILEIRA - POESIA
- B869.1 (Literatura Brasileira - Poesia)

LITERATURA BRASILEIRA - TEATRO

B869.2 (Literatura Brasileira - Drama)

B869.2 (Literatura Brasileira - Peça de Teatro)

B869.2 (Literatura Brasileira - Teatro)

LITERATURA BRASILEIRA - FICÇÃO

B869.3 (Literatura Brasileira - Ficção)

LITERATURA BRASILEIRA - ENSAIOS

B869.4/5 (Literatura Brasileira - Ensaios. Conferências e Discursos)

B869.4 (Literatura Brasileira - Ensaio e Crítica)

B869.4 (Literatura Brasileira - Ensaios)

B869.4 (Literatura Brasileira - Ensaios. Crônicas, etc)

B869.41 (Crônica)

LITERATURA BRASILEIRA - ORTÓRIA

B869.5 (Literatura Brasileira - Oratória)

LITERATURA BRASILEIRA - EPISTOLOGRAFIA

B869.6 (Literatura Brasileira - Epistolografia)

LITERATURA BRASILEIRA - SÁTIRA E HUMOR

B869.7 (Literatura Brasileira - Sátira e Humor)

LITERATURA BRASILEIRA - MISCELÂNEA

B869.8 (Literatura Brasileira - Crônicas, Miscelâneas)

B869.8 (Literatura Brasileira - Ensaios, Crônicas, Humorismo)

LITERATURA BRASILEIRA - HISTÓRIA E CRÍTICA

B869.9 (Literatura Brasileira - Crítica)

B869.9 (Literatura Brasileira - História)

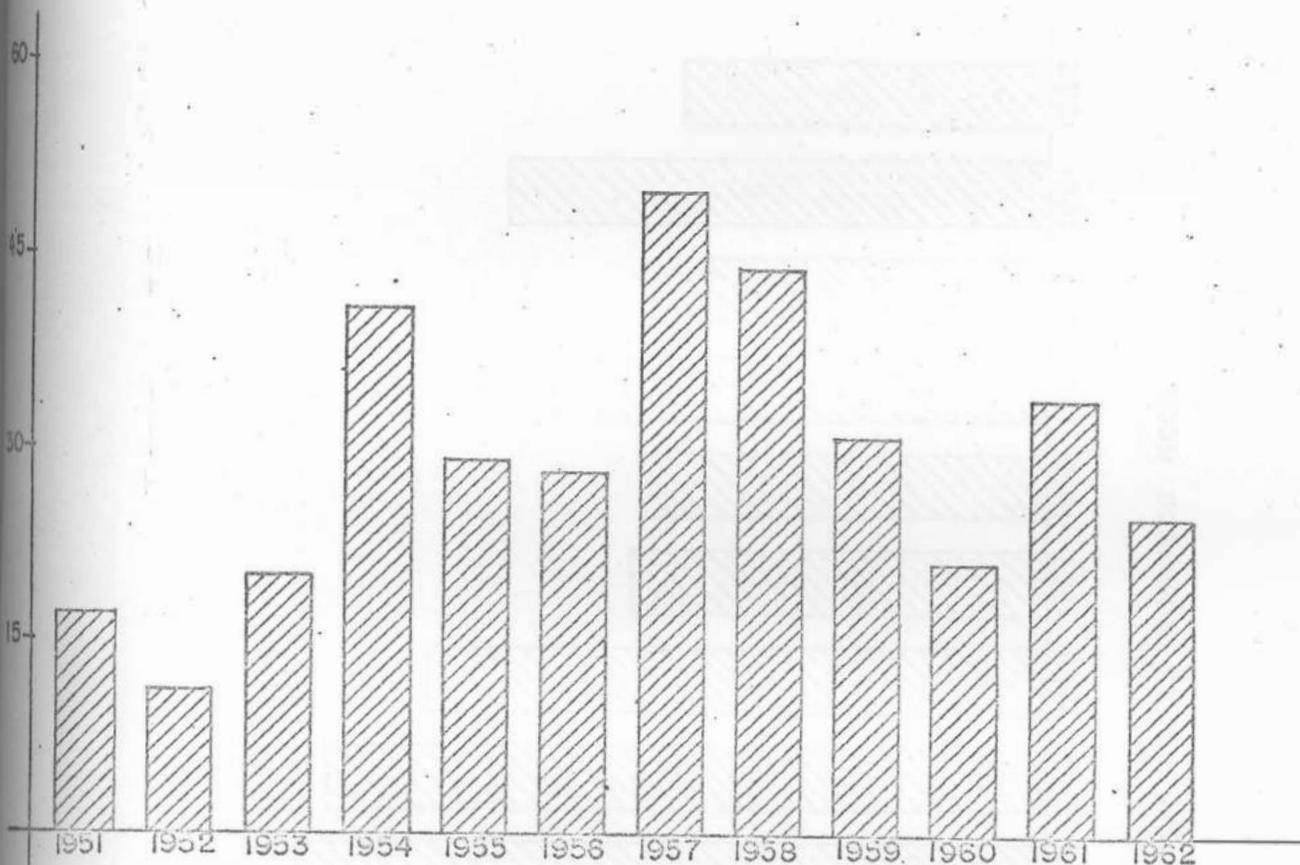
B869.9 (Literatura Brasileira - História e Crítica)

11.1.3 - Títulos dos Assuntos na Ordem Decrescente do Registro Anual

	Total Geral	9.489
B869	Literatura Brasileira - Poesia	1.801
B869	Literatura Brasileira - Ficção	1.582
800	Literatura	1.087
200	Teologia Moral	480
B869	Literatura Brasileira - Teatro	458
B869	Literatura Brasileira	328
B869	Literatura Brasileira - Miscelânea	317
B869	Literatura Brasileira - Ensaaios	246
200	Catecismo	212
700	Catálogos de Exposições	205
700	Desenho	177
700	Belas Artes	174
200	Igrejas Protestantes	139
200	Liturgia.....	136
100	Ética	134
200	Religião	127
200	Teologia Dogmática	127
200	Prática Religiosa	120
B869	Literatura Brasileira - História e Crítica	115
100	Filosofia	95
100	Bíblia	94
700	Cinema	94
200	Virgem Maria	82
200	Apologética	81
700	Arte Religiosa	76
200	Igreja e Problemas Sociais	71
	Subtotal	8.558

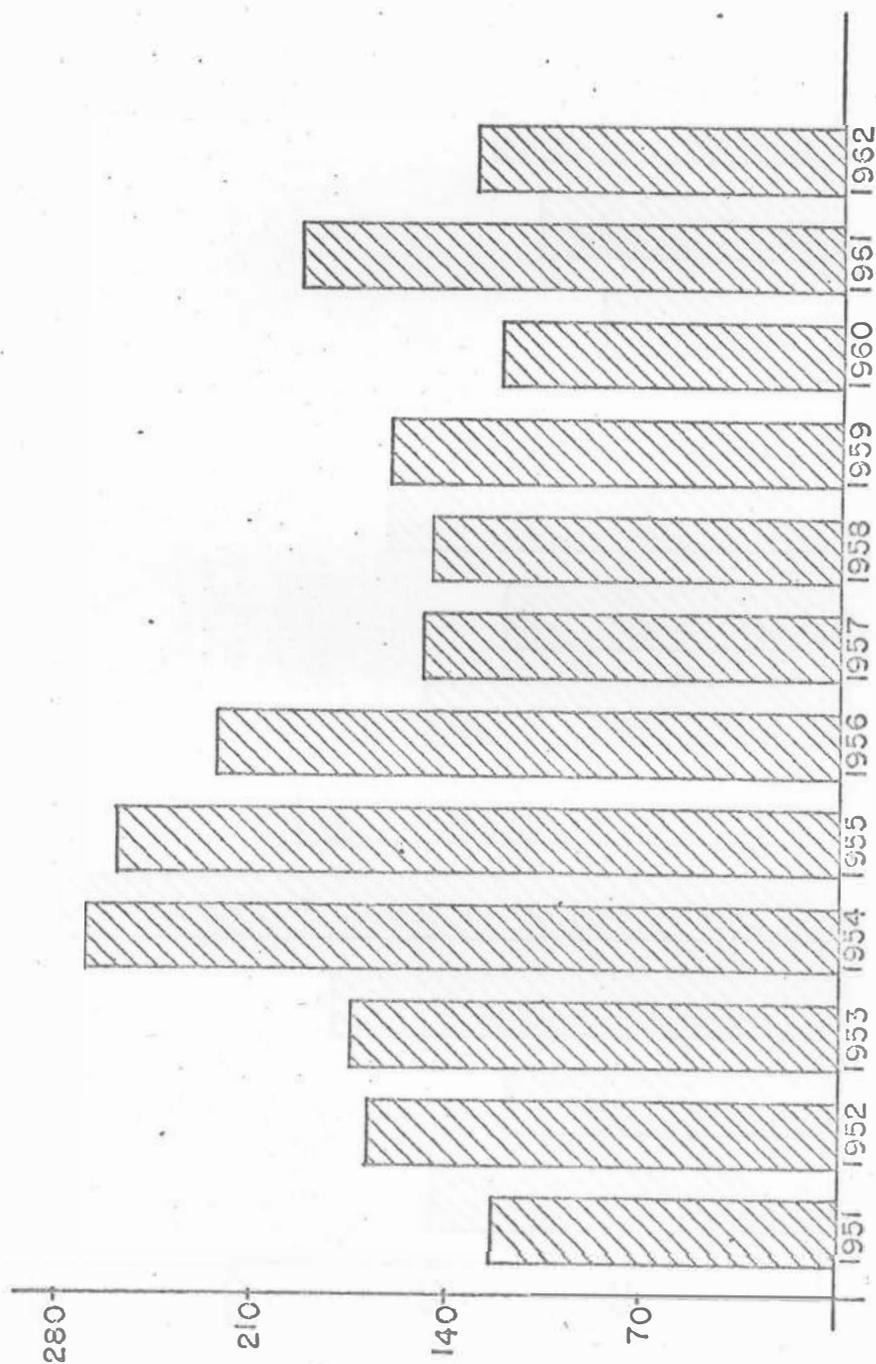
100	Filosofia Moderna	70
200	Associações Religiosas	62
700	Urbanismo	61
700	Arquitetura	56
200	Teologia Pastoral	53
200	Igreja Católica	46
200	Cristologia	45
200	Ordens Religiosas	44
200	Educação Religiosa	43
700	Pintura	38
700	Fotografia	37
200	Hinos	33
B869	Literatura Brasileira - Sátira e Humor.	25
200	Religião Diversas	23
700	Cartazes	19
B869	Literatura Brasileira - Oratória	18
100	Metafísica	17
200	Missões	15
200	Igrejas e Seitas Cristãs	15
700	Numismática	15
100	Filosofia Antiga, Oriental e Clássica..	13
700	Balé	11
700	Arte Popular	11
200	Doutrina Relativa a Deus	10
200	Santos	10
200	Administração Eclesiástica	10
200	História da Igreja Cristã	10
700	Danças	10
200	Seminários Religiosos	5
700	Cerâmica	8
200	Milagres	7
200	Homem	7
B869	Literatura Brasileira - Epistolografia.	7
	Subtotal	857

200	Salvação	6
100	Sistemas Filosóficos	5
200	Panteísmo. Teosofia	5
200	Concílios	5
700	Estampas	5
700	Gravuras	5
100	Positivismo	4
700	Escultura	4
700	Rádio	4
100	Filosofia - História	3
100	Humanismo	3
700	Artes Aplicadas	3
100	Estética	2
100	Liberdade (Filosofia)	2
100	Lógica	2
200	Religião e Ciência	2
200	Evangelização	2
200	Igreja Ortodoxa	2
700	Belas Artes - Brasil	2
700	Decoração	2
100	Tomismo	1
200	Mitologia	1
200	Vida Sacerdotal	1
200	Perseguições Religiosas	1
700	Patrimônio Nacional - Preservação	1
700	Móveis e Acessórios	1
	Subtotal	74

11.2 - GRÁFICOS EM COLUNAS11.2.1 - Ocorrências do Depósito Legal em
Filosofia - 1951/1962

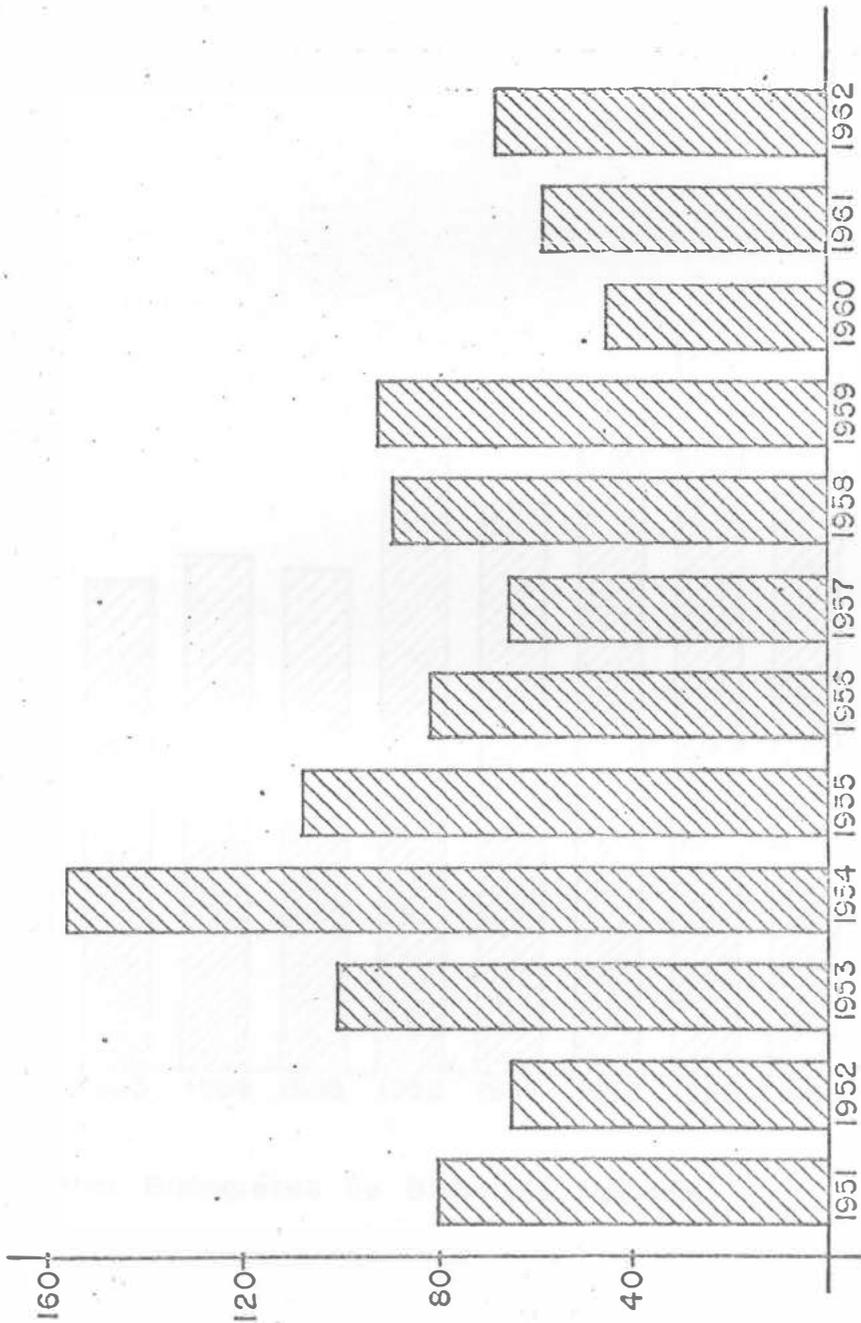
Fonte: Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional

11.2.2 - Ocorrência do Depósito Legal em
Religião, 1951/1962



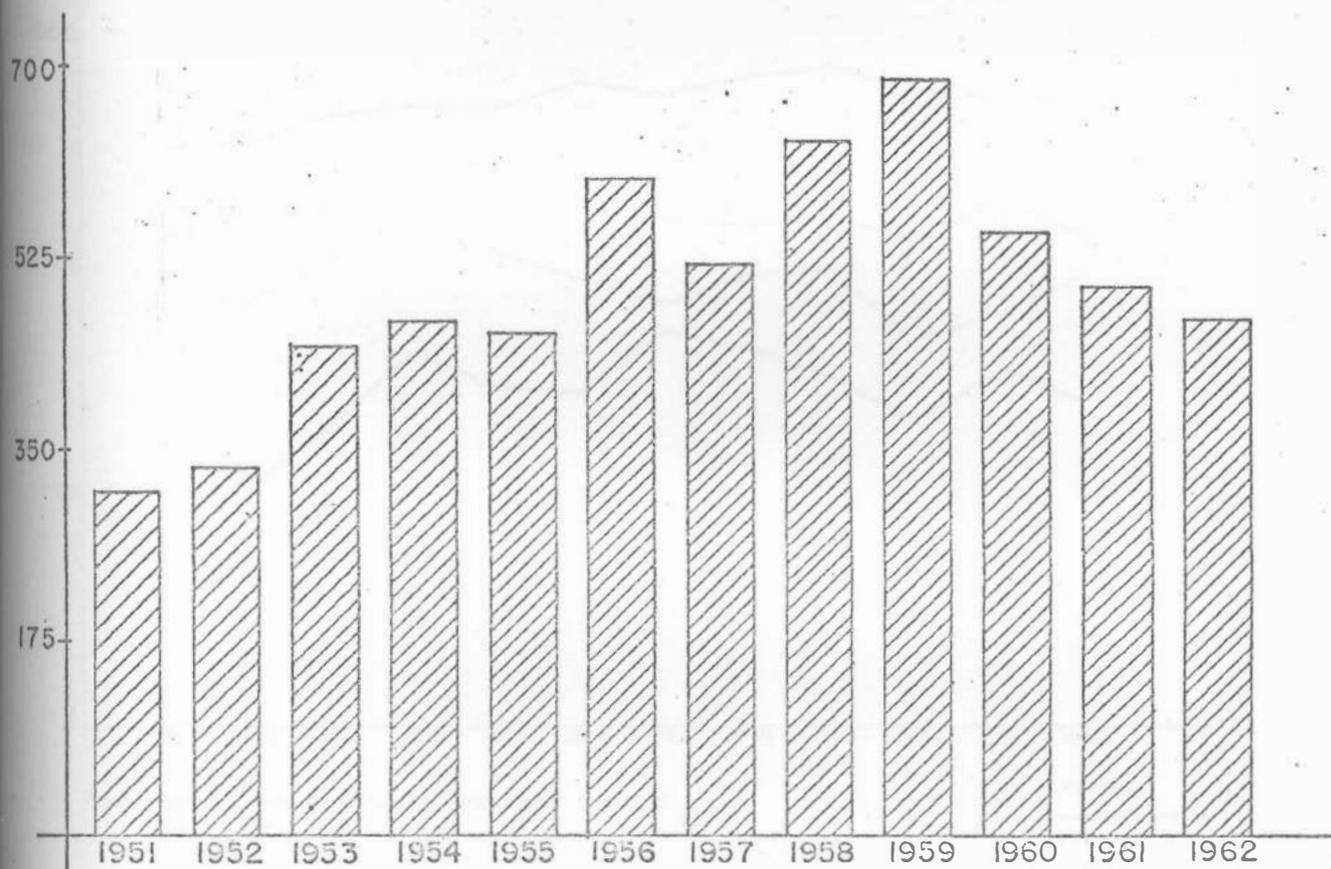
Fonte: Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional

11.2.3 - Ocorrência de Depósito Legal em Belas Artes, 1951/1962

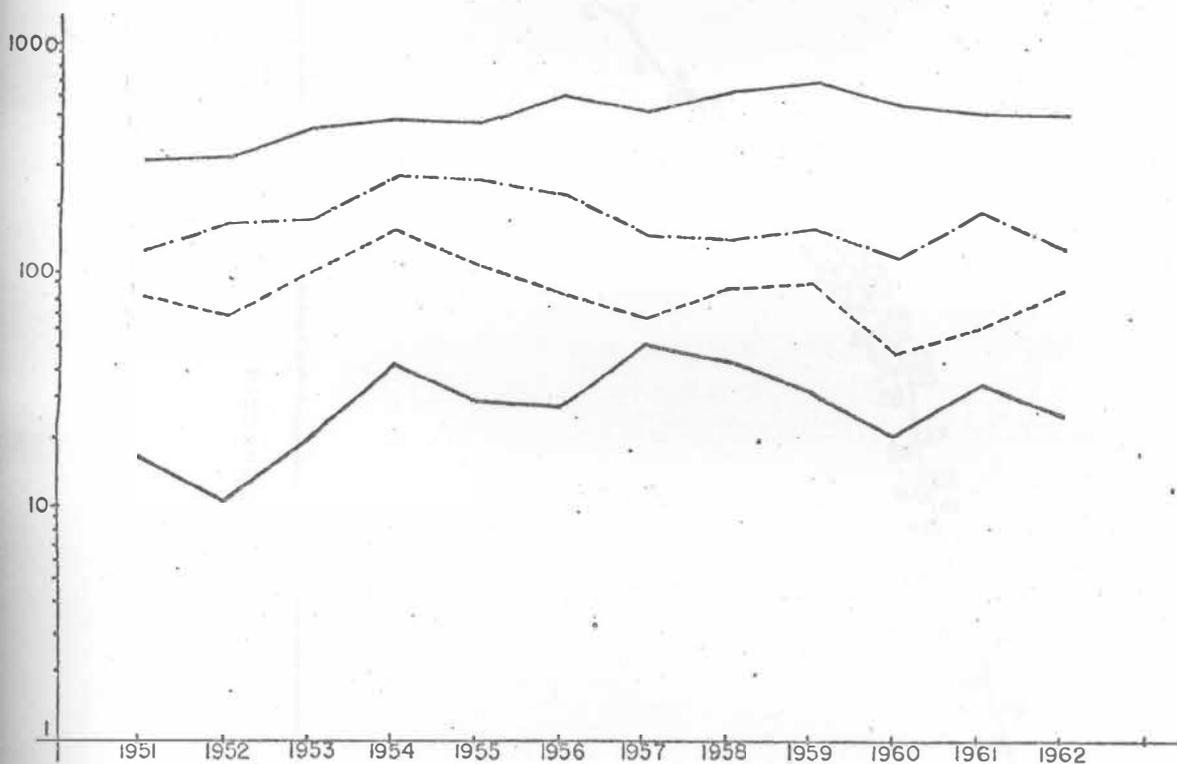


Fonte: Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional

11.2.4 - Ocorrência do Depósito Legal em Literatura, 1951/1962



Fonte: Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional

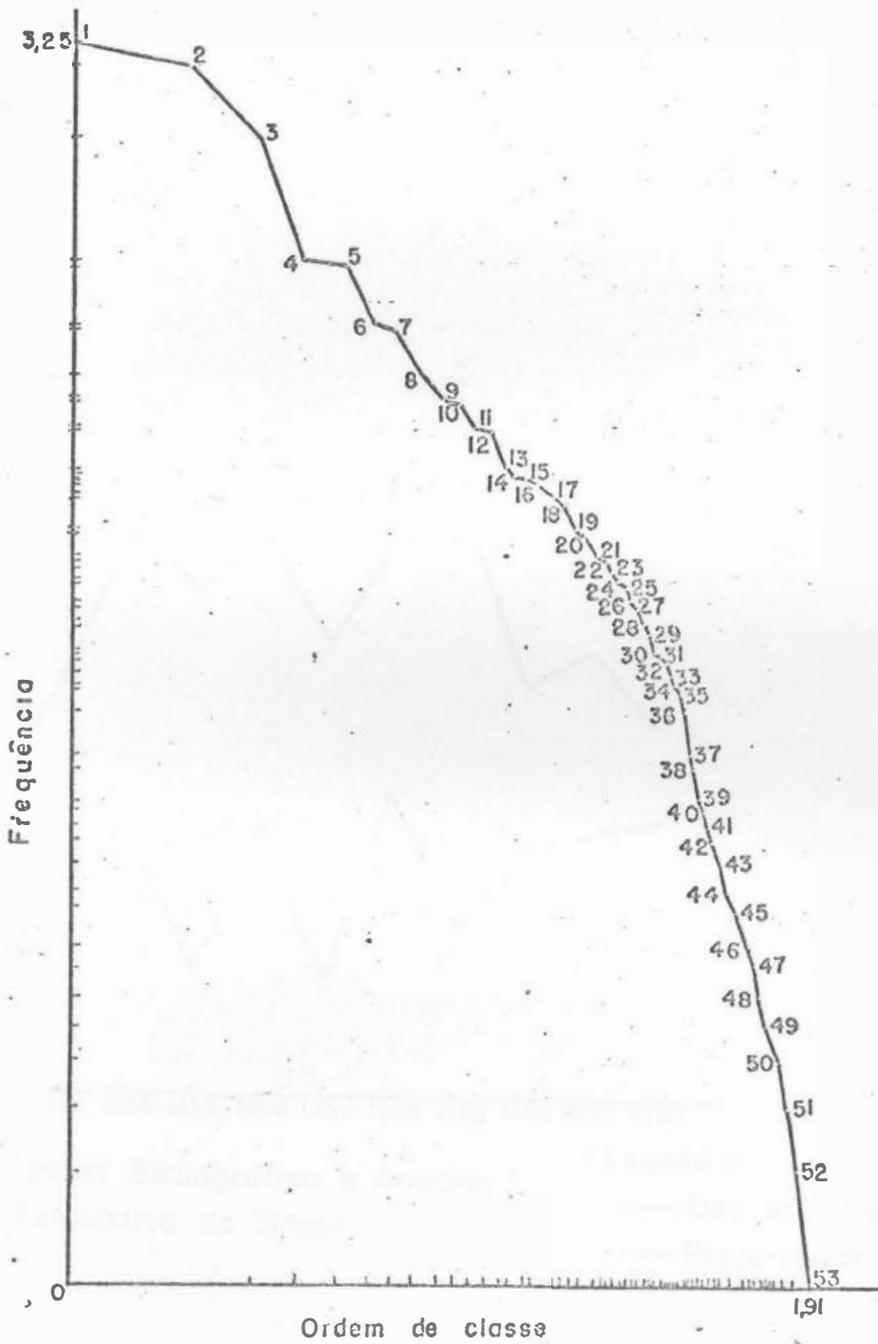
11.3 - GRÁFICO DE CURVA11.3.1 - Ocorrência do Depósito Legal em Filosofia, Religião, Belas Artes, Literatura e suas Subdivisões, 1951/1962

Fonte: Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional

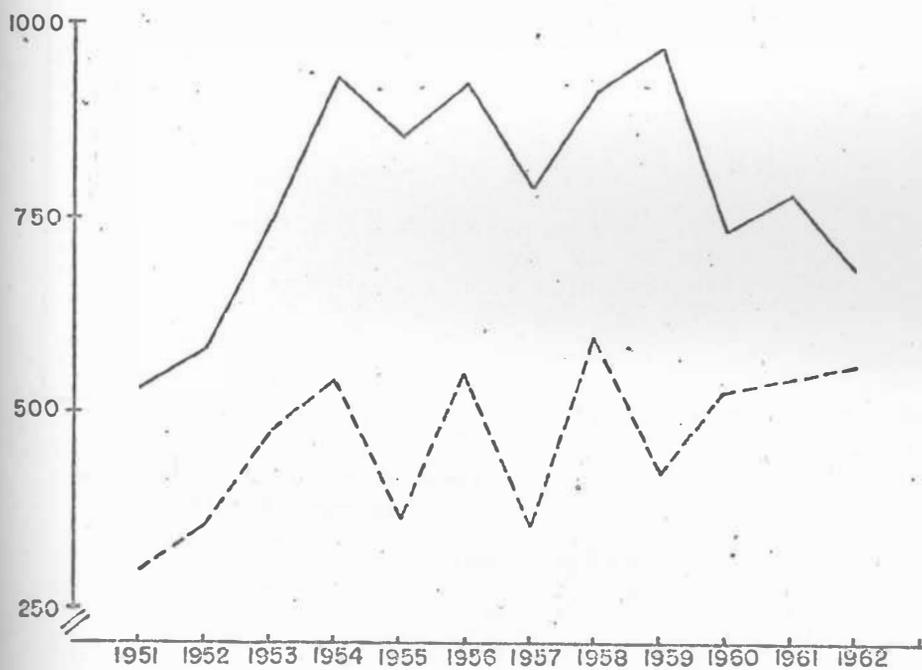
Legenda:

- Filosofia
- - - - Belas Artes
- · - · - Religião
- Literatura

11.3.2 - Curva de Zipf



11.3.3 - Estudo Comparativo entre a Propriedade de Intelectual e o Depósito Legal, 1951/1962



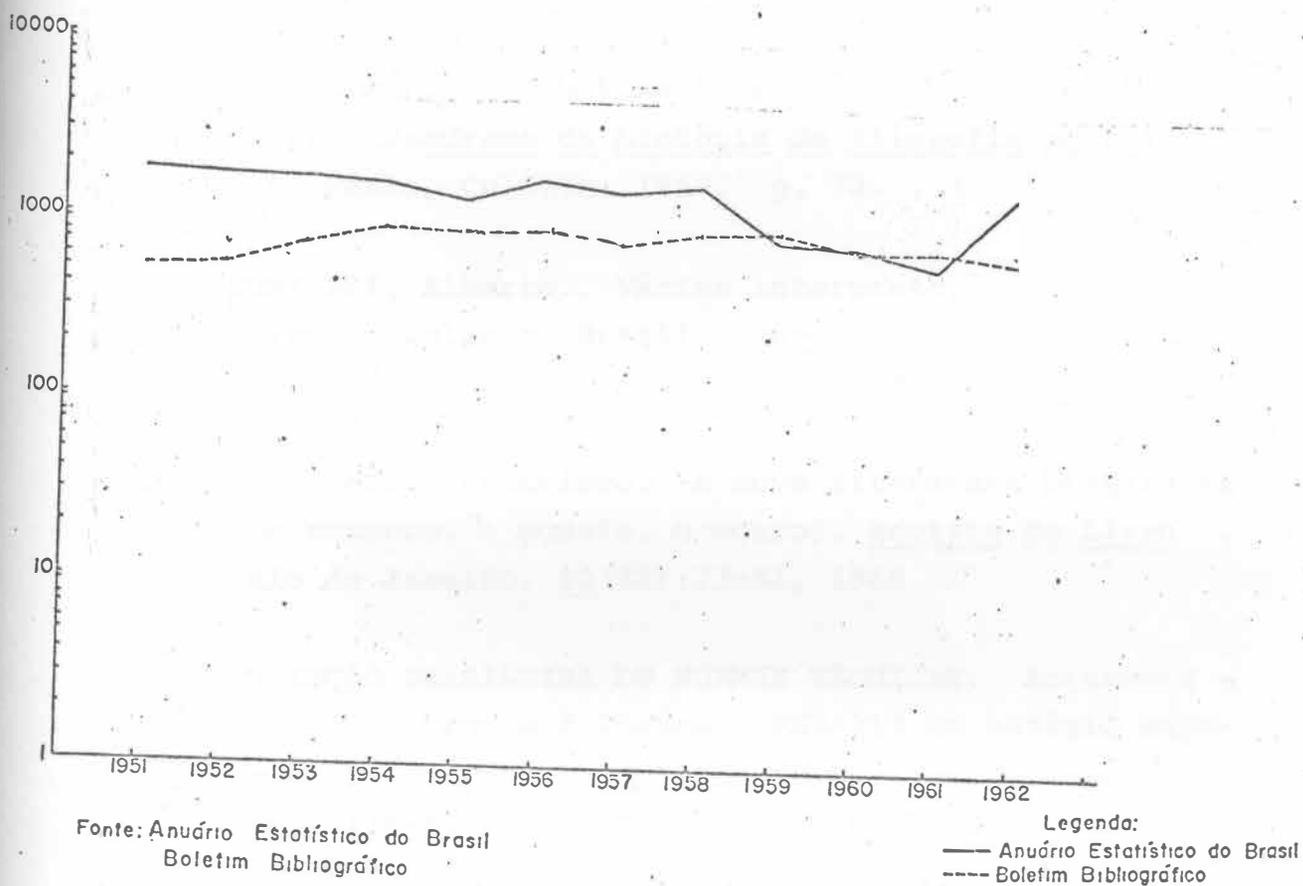
Fontes: Boletim Bibliográfico e Anuário
Estatístico do Brasil

Legenda:

— Depósito Legal

--- Propriedade Intelectual

11.3.4 - Estudo Comparativo da Difusão Bibliográfica: Livros e Folhetos Editados e Publicações Registradas no Depósito Legal, 1951/1962



12 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMOROSO LIMA, Alceu. Seu lugar, In Memoriam, Apud COSTA, Cruz. Panorama da história da filosofia no Brasil. São Paulo, Cultrix, 1960, p. ~~204~~. 74.
2. ANDRADE, Mário. O movimento modernista. Apud COSTA, Cruz. Panorama da história da filosofia no Brasil. São Paulo, Cultrix, 1960, p. 72.
3. ANTONIAZZI, Alberto. Várias interpretações do catolicismo popular no Brasil. Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, 36(141):82-94, mar. 1976.
4. ASSIS BRAZIL, Francisco. A nova literatura brasileira (o romance, a poesia, o conto). Revista do Livro, Rio de Janeiro, 12(38):73-81, 1969.
5. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Apresentação de livros e folhetos. PNB-217 em estágio experimental. Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 1(2):114-8, 1972.
6. ———. Numeração progressiva das seções de um documento; rev. da ed. de 1964. NB-69. Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2(1):6-8, 1973.
7. ———. Referências bibliográficas. PNB-66, 1970. Rio de Janeiro, 1970. 32 p. Mimeografado.
8. ———. Resumos. NB-88 rev. da ed. de 1964. Rio de Janeiro, 1974.

9. BOOTH, Andrew D. A "law" of occurrences of words of low frequency. Information and Control, New York , 10(4):386-93, Apr. 1967.
10. BOSI, Alfredo. Tendências contemporâneas. In: ____ . História concisa da literatura brasileira. 2. ed. São Paulo, Cultrix, 1975. p. 429-546.
11. BRASIL, Leis, decretos etc. Decreto n. 433, de 3 de julho de 1847. In: COLLECÇÃO das leis do Império do Brasil. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1847, t.9, pt. 1, p. 22-23.
12. ———. Decreto n. 1825 de 20 de dezembro de 1907, e Instruções do Ministério da Educação e Saúde Pública, de 19 de dezembro de 1930. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1958, 4 p.
13. ———. Decreto n. 24.609, de 6 de julho de 1934. In: COLEÇÃO das leis da República dos Estados Unidos do Brasil, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1936, v. 4, 1 pt.
14. ———. Decreto n. 1.200, de 17 de novembro de 1936. IN: COLEÇÃO das leis do Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1937, v. 3, p. 355-61.
15. ———. , Decreto n. 1.527, de 24 de março de 1937, In: COLEÇÃO das leis do Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938, v.1, p. 361-3.

16. BRASIL, Leis, decretos, etc. Decreto Lei n. 218, de 26 de janeiro de 1938. In: COLEÇÃO das leis do Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1939.v. 1. p. 59.
17. —. Lei n. 5.250, de 9 de fevereiro de 1967, art.70. In: COLEÇÃO das leis do Brasil. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1967, v. 1, p. 635
18. —. Decreto-Lei n. 161, de 13 de fevereiro de 1967. In: COLEÇÃO das leis do Brasil. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1967, v. 1, p.182-87.
19. —. Decreto-Lei n. 824, de 5 de setembro de 1969. In: COLEÇÃO das leis do Brasil. Brasília, Dept. de Imprensa Nacional, 1969, v. 5. p. 176.
20. BROOKES, B. C. The derivation and application of Bradford-Zipf distributions. Journal of Documentation, London, 24(4):247-65, Dec. 1968.
21. CHERRY, Colin. Estudos estatísticos da "forma de linguagem. In: ____ A comunicação humana; uma recapitulação, uma vista do conjunto e uma crítica. São Paulo, Cultrix, ed. da Universidade de São Paulo, 1971. p. 161-78.
22. COMBLIN, Joseph. Para uma tipologia do catolicismo no Brasil. Apud ANTONIAZZI, Alberto. Várias interpretações do catolicismo popular no Brasil. Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, 36(141):82-94, mar. 1976.

23. COUTINHO, Afrânio, dir. A literatura no Brasil; modernismo. Rio de Janeiro, Edit. Sul Americana, 1971, v.5 553 p.
24. DONOHUE, Joseph C. Techniques: the Bradford distribution. In: _____. Understanding scientific literatures approach. Cambridge, The MIT Press, c1973. p.15-23.
25. FAIRTHORNE, Robert A. Empirical hyperbolic distribution (Bradford-Zipf-Mandelbrot) for bibliometric description and prediction. Journal of Documentation, London, 25(4):319-43. Dec..1969.
26. FONSECA, Edson Nery da. Bibliografia brasileira corrente: evolução e estado atual do problema. Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 1(1):9-12, 1972.
27. GULLAR, Ferreira. A pesquisa da contemporaneidade. In: PONTUAL, Roberto. Dicionário de artes plásticas no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969. Não paginado.
28. HOORNEART, Eduardo. Formação do catolicismo brasileiro. Apud ANTONIAZZI, Alberto. Várias interpretações do catolicismo popular no Brasil. Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, 36(141): 82-94, mar, 1976.
29. A IGREJA enfrenta o mundo moderno: 1950-1964. Reação e inovação. In: _____. O catolicismo brasileiro em época de transição. São Paulo, Loyola, 1974. p. 99-117.

30. MALBERG, Bertil. Métodos estatísticos e matemáticos da lingüística. Teoria da informação. In: ____ As novas tendências da lingüística; uma orientação à lingüística moderna. São Paulo, Camp. Editora Nacional/Edit. da Universidade de São Paulo, 1971. p. 229-48.
31. MOLES, Abraham A. A noção de cultura. In: ____ . Sociodinâmica da cultura. São Paulo, Perspectiva, Ed da Universidade de São Paulo, 1974. p. 11-2.
32. PERROT, Jean. Objeto da lingüística. In: ____ A lingüística. São Paulo. Difusão Européia do Livro, 1970. p. 20.
33. PERRY, Ralph Barton. Is there a North-American philosophy. Apud COSTA, Cruz. Panorama da história da filosofia no Brasil. São Paulo, Cultrix, 1960. p. 15.
34. PIAGET, Jean. Psicologia científica e psicologia filosófica. In: ____ . Psicologia. Amadora, Bertrand, 1970. v. 4. p. 13-21. Trad. de "Tendances principales de la recherche dans les sciences et humaines". Pt. 1, Ciências Sociais.
35. PONTUAL, Roberto. Arte Brasil hoje - 50 anos depois. São Paulo, Colectio, 1973. 401 p.
36. PRITCHARD, A. Statistical bibliography or bibliometrics? Journal of Documentation, London, 25(4):348-9, Dec. 1969.

37. O que é psicologia. In: FOX, Logan J. A psicologia como filosofia ciência e arte. Rio de Janeiro, Zahar, 1976. p. 27.
38. RODRIGUES, Contreiras. O sociólogo. In Memorian. Apud COSTA, Cruz. Panorama da história da filosofia no Brasil. São Paulo, Cultrix, 1960. p. 73.
39. RODRIGUES, José Honório - Mathoso Camara. Revista da Cultura Vozes, Petrópolis, 67(5): 78-85-1975.
40. ROLIM, Francisco Cartaxo. Católicos e catolicismo. Apud ANTONIAZZI, Alberto. Várias interpretações do catolicismo popular no Brasil. Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, 36(141):82-94, mar.1976.
41. SCHOYANS, Michel. Tarefas e vocação da filosofia no Brasil. Revista Brasileira de Filosofia, São Paulo, o 11(41):61-89, 1961.
42. SCHWEITZER, Albert. Apud MOLES, Abraham A. Sociodinâmica da cultura. São Paulo, Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974. p. 20.
43. SODRÉ, Nelson Werneck. Literatura nacional. In: História da literatura brasileira; seus fundamentos econômicos. 6. ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1976. p. 522-38.
44. SOLOMON, Dêlcio Vieira. Como fazer uma monografia. 2. ed. Belo Horizonte, Interlivros, 1972, 293 p.

45. SPINA, Segismundo. Normas gerais para os trabalhos de grau. (Um breviário para o estudante de pós-graduação). São Paulo. F. Pessoa, 1974. 53 p.
46. TYPES of religious literature. In: ASHEIM, Lester et alii. The humanities and the library: problemas in the interpretation evaluation and use of library materials. Chicago, American Library Association, 1975. p. 4.
47. VELLÔSO, Artur Versiani. A filosofia como matéria de ensino. Apud CAMPOS, Fernandes Arruda. Tomismo e neotomismo no Brasil. São Paulo, Grijabaldo, 1968 p.23.
48. ZIPF, George Kingsley. Human behavior and the principle of least effort; an introduction to thuman ecology. New York, Hafner, 1965. 573 p. "Facsmile of 1949 edition".
49. ZOLTOVSKI, Victor. Les cycles de la création intellectuelle et artistique. L'année Sociologique, Paris, 3, série, 1952 p. 163-206.